

**Antologia
de
Sinvaldo de Souza
Gino**



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatãria

!Dedico este e-book à minha amada esposa, Lucimar Márcia dos Santos Gino, por todo o seu amor, apoio e inspiração. À minha sogra, Maria Rodrigues dos Santos, por sua sabedoria e carinho.

A Henrique Adriano, meu sobrinho querido, que é como um filho para mim, por sua alegria e energia. Ao meu pai, José Amaro de Souza, por sua força e exemplo. À minha falecida mãe, Vitalina Maria Gina, que me ensinou a sonhar e a lutar. E a todos os meus irmãos, cunhados e sobrinhos, que são a alegria da minha vida. Este livro é para vocês, com todo o meu amor e

gratidão.!

Agradecimentos

\\"Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste e-book, em especial à minha esposa, Lucimar Márcia dos Santos Gino, por sua paciência e apoio incondicional. Agradeço também à minha família, que sempre me apoiou e incentivou a seguir meus sonhos. Agradeço a todos os meus amigos e leitores, que me inspiram a continuar escrevendo. E, acima de tudo, agradeço a Deus, por me dar a oportunidade de compartilhar minhas histórias e ideias com o mundo.\\"

Sobre o autor

Sinvaldo de Souza Gino, Formação Acadêmica:
Letras Vernáculas, conclusão no primeiro semestre de 2004 pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO - Campo Goiânia. Desde então sou professor de Língua Portuguesa e Literatura e disciplinas da Áreas de Conhecimento Linguagem, Códigos e suas Comunicações. Segunda Graduação: Pedagogia, conclusão no segundo semestre de 2021, Centro Universitário - UNIFIEO. Terceira Graduação: Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, (PUC), conclusão no segundo semestre de 2023. Pós-Graduação em Língua Portuguesa - Gramática Aplicada. A Teologia ampliou a minha atuação nas Formações, Coordenação da Comunidade São João Maria Vianney, nas Pregações da Palavra de Deus, Formações, Liturgia, enfim busco usar bem meus conhecimentos para servir a Deus, e no meu trabalho busco dinamizar as atividades na prática. Trabalhei 11 anos e 7 meses na Escola Particular, Letras Douradas e desde o início das minhas formações trabalho na Secretaria Estadual de Educação como professor na Rede Pública. No ano de 2024 desenvolvi Eletiva de hortaliças; Eletiva de Capoeira - (Fui batizado como Pernalonga e em 1995 recebi o penúltima condecoração de Contra Mestre); Protagonismo Juvenil, Projeto de Vida. Sou Compositor de músicas Religiosas, Sou Violonista e Vocalista, Poeta, Escritor. Sou casado com Lucimar Márcia dos Santos Gino há 25 anos, não temos filhos. Neste ano de 2025 dei início ao Mestrado em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás Pró-Reitoria de

Pós-Graduação e Pesquisa Escola de Formação de Professores e Humanidades Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ciência da Religião.

Natural do município de Aruanã Goiás. Antes de ser emancipada a cidade de Santa Luzia de Matrinchã.

Lugar que morei por 20 anos.

resumo

Theotokus

Truco, Douradinha, Douradão.

Soneto Teoliterária: Parábola do semeador.

"Jerupensém: O Segredo Esquecido"

Frutos do Cerrado

O Tucano do bico serrado.

Jogo de biloca.

Fábula: A festa das formigas

Penitência

Deus

Tipologia teológica

O Conto de Albelírio e seus Companheiros

Conto: Grito no mato.

Minha esposa

Tudo é Trindade.

A Contrição.

Gente de preço e Gente de VALOR.

Magnífica, Mãe de Jesus

O Sr. João e a Bíblia

Capim Limão e Capim Santo

Olhar de Deus

O Pé de Manga da Praça 21 de Abril

Conto: Bois na Canga e a Cabeçada

Mulheres Esquecidas.

A morte de Sísara

Filosofia dos Pré-socráticos

Tal (??)

Metalinguagem

Tibieza

Voz da Poesia

Poema metaboléia

Poema: Petrarca, soneto "Erano i capei d'oro a l'aura sparsi"

Poema: Nikpolai Gumilyov O Capitão e a Estátua

Albatroz

Variante Textual

Somos dentro e fora de nós

Coração cede da consciência

Bela Gente Craquelada

Coração: âmago do meu ser

Silêncio matriz da sabedoria

Lacai do Amor

A Redenção

Ponto Hegu (LI 4)

Profligar

Liames

Prece ao Rio Vermelho

Mais uma segunda-feira

Os Sinais Joaninos

O político famigerado

O seu Grimório

Virtude caminho da graça

Homem líder nato.

Leis dos Sentidos

Cadê Romeu?

Araguaia e a Jangada

Poetisa apaixonada

Somnium meum non est tuum

Carta Literária: Às Heroínas de Matrinchã

Vou-me embora para Jerupensém

Cadê Eu?

O beijo!

Potências da Alma.

Sempre sonhei ser surpreendido

A Surra!

A Consagração

O encontro de estrela

Manchete da Alma

Cálice

Poema, Epopeia de Gilgamesh

Períclope da Vida

Águas do Rio Araguaia

Eu, curto, Tu curti, Nós curtimos

Puritanismo

Liquefação

Coordenação de Turno

Flores Nativas

Ceguei Brasil!

Pedras no meio do Caminho.

A Missa

O Adjutório, mutirão

Senhora das Dores

Cacos de Vidro

A Janela da casa de Cora Coralina

O Poço, lugar do encontro

O Poeta não é garçom

Metamorfose da Vida

Galhos de Amora e o menino

Ritual da Manhã na Mangueira

AURÉLIA À JANELA Senhora — José de Alencar

Memória de um beijo

O poder da Mão

O Eu das Boas Escolhas

A dor da fome

Perseguição sem motivo

Heróis da Fé

Dê flores em vida à quem você ama!

Detalhes Poéticos

Sinestesia

O Ranger da Porteira

O pobre Lázaro e João Grilo

Por que desses sonhos?

Um Português que nos pariu

Navio Negreiro

Ação da Palavra

Canto das Almas

Poetas Goianos

Conto: A Noite de Sexta-feira da Paixão

Pregado na Cruz

Cercas de Pedra

Fogareu em Goiás

Caminho

Mar da vida

Tibieza

Hipérbole do amor

Reação da Terra

Paradigma da antítese

A representação do real

Mulher

Paradigma da reflexão

Conto: O alcoolismo de uma Freira

Dominação e Burocracia

Nudez do destino

Conto: O despacho.

Conto: O Silêncio da Fanfarra

Conto: O cisne, o juramento e a sombra na casa.

Conto: O Concílio do Olimpo: diálogo entre os deuses em Os Lusíadas

Conto: “Diabo-Véio, Ouro e Cachaça” – Vila Boa

Viver o último dia em Deus para permanecer Nele.

Conto: Eu me Merrendo do Araguaia

Mitologia: Deus do Vinho

Ninguém tem a bunda que quer sentado na bunda que tem

Poema: Gênese do conhecimento

Miniconto: Ações de afogadilha

Poema: Sagrado e Profano

Mitologia: O inferno: A Pedra no Tempo

Mitologia: Decreto de Zeus: O Castigo de Sísifo

Epopéia: A Maldição de Camões

Mitologia: A Culpa de Hércules

Mitologia: A Disputa das Três Deusas

Mitologia: preço de um Berço vazio

O Beijo Amigo Que Te Mata

Ósculo da traição

Mitologia: Os Bastardos de Zeus

Mitologia: Hipólita

Mitologia: As Duas Rainhas do deus Ares

Theotokus

Maria Mãe, do Redentor.

Maria Mãe, do Salvador.

Do Teu sangue nasce Jesus,

És Mãe de Deus, também nossa mãe.

Maria Mãe, Virgem Maria

Imaculada Conceição,

Foste Assunta aos Céus

Elevada por Deus.

Maria Mãe, Virgem Maria.

Imaculada Conceição.

Foste Assunta aos Céus elevada por Deus.

Truco, Douradinha, Douradão.

Poema: Truco, douradinha ou douradão.
Sábado à tarde, casa do Técnico da Ciara - Aparecido.
Truco e risos, amigos reunidos.
Cupadre Mariano, Zé Preto, Marção,
Divininho Pescador, Lulu, Adão Padeiro,
Amizade verdadeira.
Dona Tereza, anfitriã gentil,
Café quente, hospitalidade sem igual.
Três mesas cheias, douradinha e douradão,
Festa sem fim, jogos inesquecíveis,
Alegria pura.
Zelino, Cabo Carlos, Cabo Geraldo,
Soldado Antônio, jogadores experientes.
Estratégias e blefes, habilidade fina,
Truco e emoção, corações acelerados,
Jogos eletrizantes.
Rodada dominical, tradição sagrada,
Casa do Técnico, Mariano ou Zé Preto.
Amizade e truco, sábado após sábado,
Memórias eternas, jogos inesquecíveis,
Saudade pura.
Douradinha com seis, douradão com oito,
Truco clássico, jogadores habilidosos.
Táticas e habilidade, concentração total,
Vitórias e derrotas, amizade intacta,
Respeito mútuo.
Cupadre Mariano, estrategista fino,
Zé Preto, blefador habilidoso.
Marção, jogadas ousadas,
Divininho Pescador, sorte e habilidade,
Lulu, táticas vencedoras.
Adão Padeiro, Zelino e Cabo Carlos,

Soldado Antônio, jogadores leais.
Cabo Geraldo, habilidade e estratégia,
Truco e amizade, vínculos fortes,
Respeito e admiração.
Sábado à tarde, casa cheia,
Truco e risos, amigos reunidos.
Dona Tereza, café e hospitalidade,
Jogos inesquecíveis, memórias eternas,
Alegria pura.
Tradição goiana, truco e amizade,
Casa do Técnico, berço de campeões.
Jogadores experientes, habilidosos,
Vitórias e derrotas, respeito mútuo,
Amizade verdadeira.
Sábado após sábado, rodada continua,
Truco e amizade, vínculos eternos.
Casa do Técnico, Mariano ou Zé Preto,
Memórias inesquecíveis, jogos eletrizantes,
Alegria e amizade.

Soneto Teoliterária: Parábola do semeador.

A Parábola do Semeador

Um semeador saiu a semear a semente,
Em terra fértil, ou em solo ingrato,
A Palavra de Deus, que é vida e luz ardente,
Caiu, e o fruto, bom ou mau, foi o ato.
A primeira, na beira do caminho, a gente
A devorou, sem que pudesse brotar;
A segunda, em pedregal, logo se sente
Morrendo, sem raiz, sem poder se fixar.
A terceira, entre espinhos, se perdeu,
Sufocada pelas preocupações do mundo;
Mas a quarta, em boa terra, se moveu.
E deu fruto, trinta, sessenta, cem por um profundo.

"Jerupensém: O Segredo Esquecido"

"Jerupensém: O Segredo Esquecido"

No coração de Goiás, onde a mata densa esconde segredos, jazem as ruínas da Colônia Militar da Conceição de Jerupensém, em Santa Luzia de Matrinchã. Um capítulo esquecido da história, revelado apenas por um livro de poesia.

A Colônia, erguida para abrigar presos fugitivos, foi testemunha de histórias de dor, resistência e liberdade. Hoje, restam apenas marcas do tempo: muros desmoronados, portas abertas para o vento.

Onde estão os relatos dos que sofriram? Os gritos agonizantes? Os choros silenciados? As vozes abafadas?

A busca pelas verdades escondidas é um desafio. Documentos perdidos, memórias apagadas, familiares dispersos. O silêncio é a única resposta.

Jerupensém, terra de contrastes, onde a beleza natural esconde a dor do passado. O cerrado em flor, o rio cristalino, contrastam com a sombria história.

Frutos do Cerrado

Frutos do Cerrado

A

Açaí, araticum, ata, abundante

Aromático, atraente, admirável, amante

Açaí, araticum, ata, alegre e brilhante

Aromático, atraente, admirável, constante

B

Buriti, bacuri, biribá, bênção

Belo, bom, bonito, bendito, são

Buriti, bacuri, biribá, brilhante

Belo, bom, bonito, bendito, constante

C

Caju, cajá, croadinha, com carnaúba

Cereja-do-Cerrado, cagaita, coquinho-azedo, chuva

Caju, cajá, croadinha, com carnaúba formosa

Cereja-do-Cerrado, cagaita, coquinho-azedo, gostosa

G

Gabiroba, guanabira, gosto gostoso e fino

Guabiroba, guanabira, gosto gostoso e divino

Gabiroba, guanabira, gosto gostoso e perfeito

Guabiroba, guanabira, gosto gostoso e completo

J

Jatobá, jatobá-do-Cerrado, joia preciosa

Jenipapo, jatobá, joia rara e formosa

Jatobá, jatobá-do-Cerrado, joia brilhante

Jenipapo, jatobá, joia preciosa e constante

M

Mangaba, marmelada, murici, manjar delicioso

Mama-cadela, mangaba, marmelada, murici, gostoso

Mangaba, marmelada, murici, manjar divino

Mama-cadela, mangaba, marmelada, murici, fino

P

Pequi, pitomba, pêra-do-campo, saborosa

Pitomba, pequi, pêra-do-campo, polpa doce e gostosa

Pequi, pitomba, pêra-do-campo, saborosa e rica

Pitomba, pequi, pêra-do-campo, polpa doce e fina

T

Taperebá, maracujá, tucumã, tarumã

Taperebá, maracujá, tucumã, tarumã, são

Taperebá, maracujá, tucumã, tarumã, gostoso

Taperebá, maracujá, tucumã, tarumã, delicioso

O Tucano do bico serrado.

O Tucano do Bico serrado

Tucano traquino, do bico afilado,
Cortava fios com sorriso malvado.

Bico rápido, fama grande, raiva constante,

Alguém cansou seu bico serrou

Tucano mansinho agora ficou,

Bico serrado, coração trancado.

A liberdade tem preço, cortar fios não é um jogo, é um desfecho.

Mesmo com o bico serado, a sua beleza encanta,

Plumagem colorida, olhar amigo.

Vida velada, vibrates cores

Plumagem coloridas natureza perfeita.

Jogo de biloca.

Poema: O jogo de biloca

Molecada reunida, risos e diversão,
Biloca ao centro, jogo de emoção.
Bolinhas coloridas, estratégia e habilidade,
Vitórias e derrotas, amizade e lealdade.

Sábado à tarde, rua ou praça,
Biloca ao chão, jogo em andamento.
Cada jogador, foco e concentração,
Tática e sorte, mistura perfeita.

Pedra certa, vitória garantida,
Risos e aplausos, orgulho conquistado.
Derrota aceita, amizade intacta,
Jogo de biloca, tradição infantil.

Infância feliz, memórias guardadas,
Biloca e molecada, história contada.
Jogo simples, alegria pura,
Tradição goiana, raízes profundas.

Biloca, símbolo de infância livre,
Jogo de habilidade, corações alegres.
Molecada unida, diversão garantida,
Tradição goiana, berço de saudade.

Fábula: A festa das formigas

A Festa das Formigas e a Armadilha da Dona Aranha Tota.

Era um dia de primavera e a formiga Drika estava organizando a festa das formigas na praia do Rio Vermelho, na Agrovila, perto da cidade de Matrinchã. Todas as famílias de formigas estavam ansiosas para a festa e haviam combinado de se encontrar lá.

No dia da festa, algumas famílias foram mais cedo para ajudar a organizar a estrutura da festa. A família do senhor formigão Tukum também decidiu ir mais cedo, mas infelizmente, eles tomaram um atalho por uma mata fechada e caíram em uma armadilha da dona aranha Tota.

A família Tukum ficou presa na teia da aranha e não sabia o que fazer. Felizmente, a dona Tota havia saído para procurar um ambiente hostil para passar uma temporada.

Enquanto isso, a formiga Dona Patakinha, conhecida por ser um pouco mentirosa e trapaceira, passou por ali e viu a família Tukum presa. Ela disse que se tentasse ajudar também ia se dar mal e que seria melhor chamar as formigas guerreiras para salvá-los. A família Tukum não sabia se acreditava nela, mas não tinha outra opção e agradeceu.

Dona Patakinha foi até a festa e contou para as outras formigas o que havia acontecido. Ninguém acreditou nela, mas logo apareceu o senhor grilo Mané Paca e confirmou a história da formiga de Dona Patakinha. Ele disse que era preciso de muitas formigas trabalhando em equipe para salvar a família Tukum.

As formigas guerreiras se reuniram e foram até a armadilha da dona aranha Tota. Com muito esforço, elas conseguiram libertar a família Tukum e salvaram o dia.

A festa das formigas foi um sucesso e a família Tukum agradeceu às formigas guerreiras por ter salvo a vida deles. A partir daquele dia, a formiga Dona Patakinha aprendeu a ser mais honesta e a trabalhar em equipe.

Moral da história: A união faz a força e a honestidade é sempre a melhor opção.

Penitência

Caminha o coração, pesado de dor
Buscando o perdão, em silêncio e amor
A alma se despedaça, em lágrimas e prê
Em busca da redenção, sem cessar
O passado me persegue, como sombra escura
Mas a esperança me guia, à luz pura
Do amor divino, que tudo transforma
E me leva à mudança, sem forma
Sacrifício e oração, são meus refúgios
Meus passos são lentos, mas seguros e dignos
A estrada é longa, mas a meta é certa
E no fim, a paz, é a recompensa aberta
Em cada queda, uma lição aprendida
Em cada erro, uma chance de vida
A penitência é o caminho, que me leva a Deus
E me faz renacer, como flor em meio ao jardim do céu.

Deus

Deus

Fé (1)

É certa (2)

Vem de Deus (3)

Dá paz ao coração (4)

Céu é o lar de Deus (5)

Fiel é o coração que busca (6)

Paz que vem de Deus é santa e pura (7)

Santo é o seu nome sempre glorioso e justo (8)

Deus é o nosso refúgio e fortaleza divina (9)

Deus é o criador do universo inteiro e perfeito (10)

Deus é a fonte de toda a sabedoria e poder eterno e infinito (11)

Deus é o amor que nos une e nos guia para sempre em sua presença divina e sagrada (12)

Tipologia teológica

Tipologia Teológica

A tipologia é um estudo profundo e vasto

Que nos leva a entender, o plano de Deus em cada passo

Tipos e figuras, sombras e símbolos em ação

Que apontam para Cristo, o Filho de Deus, com perfeição

Adão é o tipo, do Segundo Adão que veio

Restaurar o que foi perdido, no jardim que foi feito e semeio

Abraão é o tipo, da fé e da obediência plena

Que nos leva a crer, na promessa de Deus, com certeza amena

Moisés é o tipo, do libertador que nos guia

Sair da escravidão, do pecado e da morte fria e vazia

David é o tipo, do Rei e do Ungido que vem

Reinar sobre nós, com amor e com bem, e nos fazer ver o bem

E Jesus é o Antítipo, o cumprimento da lei e do plano

O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, e nos faz santo

Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida eterna e bela

E nos leva a Deus, através da fé e da graça, com glória e com ela

Cristo é o Sacerdote, como Melquisedec foi

Oferecendo pão e vinho, em sacrifício de amor e de fé, sem fim

Cristo é o Profeta, como Moisés anunciou

Fazendo milagres e sinais, e a palavra de Deus, com poder e com luz, nos mostrou

Cristo é o Rei, como David reinou

Com justiça e equidade, e o povo de Deus, com amor e com paz, governou

Cristo é o Filho, como Isaac foi oferecido

Em sacrifício de amor, e a obediência de Deus, com perfeição, foi cumprido

A tipologia é um estudo, que nos leva a crer e a amar

Que Deus tem um plano, para nos salvar e nos fazer prosperar

É um convite a seguir, em fé e em amor constante e verdadeiro

E a esperar no Senhor, com esperança e com paz, e um futuro glorioso e inteiro

O Conto de Albelírio e seus Companheiros

O Conto de Albelírio e seus Companheiros

Em um tempo distante, quando a cidade de Santa Luzia de Matrinchã era apenas um sonho, Albelírio, um homem de grande coração e espírito aventureiro, decidiu fundar uma comunidade em meio à floresta. A caça e a pesca eram a base da sobrevivência dos moradores, e Albelírio era um mestre nessas artes.

Na década de 70, Albelírio conheceu o senhor Mariano, Aparecido e Lulu, três homens que compartilhavam da mesma paixão pela natureza e pela aventura. Juntos, eles formaram um grupo de caçadores e pescadores, e logo outros amigos se juntaram a eles, incluindo Divininho Pescador, um homem de grande habilidade com a pesca e a caça.

O grupo se reunia regularmente para caçar e pescar, e Albelírio era sempre o líder, com seu cigarro de palha grosso e a fumaça que tangia as muriçocas. Ele era um homem de poucas palavras, mas sua presença era sentida por todos.

"Albelírio, você é um gênio!", disse Mariano, enquanto eles estavam à beira do rio. "Como você consegue espantar as muriçocas com aquele cigarro?"

"É simples", respondeu Albelírio, com um sorriso. "É a fumaça mágica do cigarro de palha. Ela não só espanta as muriçocas, mas também faz com que os peixes venham direto para a nossa rede."

O grupo riu, e Aparecido perguntou: "E as onças, Albelírio? Como você as espanta?"

"Ah, as onças são fáceis", respondeu Albelírio. "Eu apenas acendo meu cigarro e elas começam a dançar. É um espetáculo incrível!"

O grupo riu novamente, e Lulu perguntou: "E os pássaros, Albelírio? Como você os caça?"

"Os pássaros são meus amigos", respondeu Albelírio. "Eles me avisam quando há um inimigo por perto. É como ter um sistema de alerta precoce."

Divininho Pescador, que estava pescando ao lado, levantou a cabeça e disse: "Albelírio, você é um homem incrível. Eu nunca conheci ninguém que pudesse fazer tudo isso."

Albelírio sorriu e disse: "É tudo uma questão de prática, amigos. E de ter um bom cigarro de palha."

O grupo continuou a caçar e pescar, rindo e brincando, enquanto Albelírio fumava seu cigarro de palha e espantava as muriçocas.

De repente, um peixe enorme saltou do rio e caiu na rede de Divininho Pescador.

"Albelírio, você fez isso!", gritou Mariano. "Você chamou o peixe!"

Albelírio sorriu e disse: "É tudo parte do serviço, amigos. Agora vamos comer!"

E assim, o grupo se reuniu para desfrutar de um delicioso almoço de peixe fresco, enquanto Albelírio fumava seu cigarro de palha e contava histórias incríveis.

Conto: Grito no mato.

O Grito no Mato

Era uma noite escura e silenciosa no mato, apenas o som dos insetos e o farfalhar das folhas quebrando o silêncio. Os amigos de Albelírio, Mariano, Aparecido, Lulu e Divininho Pescador, estavam caçando, mas Albelírio não pôde ir, estava com uma dor no estômago que não passava. "Não se aproximem das três cruzeis perto do lago da onça", havia alertado Albelírio. "Lá, um Jacaré com olhos de fogo aparece e grita igual gente. Ele é encantado, some como relâmpago. "Mas os amigos não acreditaram. "É só uma lenda", disseram. E seguiram em frente. Quando a noite caiu, eles se sentaram em torno de uma fogueira, tentando se aquecer. De repente, um grito ecoou pelo mato. Era um som humano, mas não era humano. "O que foi isso?", perguntou Lulu, tremendo. "É o Jacaré", respondeu Mariano, tentando manter a calma. "Vamos embora daqui. "Mas era tarde demais. O Jacaré apareceu, seus olhos brilhavam como fogo no escuro. Ele gritou novamente, e os amigos se cobriram de medo. O Jacaré sumiu tão rápido quanto apareceu, deixando os amigos em pânico. Eles correram para longe do lago, mas não antes de ver um buraco no lugar onde as cruzeis estavam. Fumaça saía de dentro, e eles sabiam que não estavam sozinhos no mato. "E agora?", perguntou Aparecido, ofegante. "Vamos voltar para casa", disse Divininho Pescador. "E nunca mais voltar aqui." E assim, os amigos se retiraram, com o som do grito do Jacaré ainda ecoando em seus ouvidos.

O Que Aconteceu Depois?

No dia seguinte, os amigos contaram a Albelírio o que havia acontecido. Ele apenas sorriu e disse: "Eu avisei vocês." "E o que é aquele buraco?", perguntou Mariano. "É um portal para o mundo dos espíritos", respondeu Albelírio. "O Jacaré é o guardião. Vocês tiveram sorte de escapar." Os amigos se olharam, sabendo que nunca mais iriam caçar no mato sem Albelírio. E o grito no mato ficou como uma lenda, contada em voz baixa, para não acordar o Jacaré.

Minha esposa

Minha esposa amada, meu amor eterno,
Meu coração bate por ti, meu anjo divino.
Tú és a luz do meu caminho, a estrela que me guia,
A razão do meu viver bem, a minha companhia.
Tú és a minha melhor amiga, a minha confidente,
A que me ouve e me compreende, a que me apoia e me sustenta.
Tú és a minha parceira, a minha cúmplice,
A que compartilha os meus sonhos, a que me faz sorrir.
Nós dois, sozinhos, mas juntos,
Construímos um mundo de amor, de risos e de aventuras.
Tú és a minha musa, a minha inspiração,
A que me faz criar, a que me faz sonhar.
Meu amor, eu te amo mais do que as palavras podem expressar,
Mais do que o tempo, mais do que o espaço.
Eu te amo por quem tu és, por quem tu serás,
Por todo o sempre, meu amor, meu coração é teu.
Tú és a escolhida, a minha outra parte,
A que me completa, a que me faz inteiro.
Tú és outra parte de mim, a minha alegria,
A que me faz sentir vivo, a que me faz sorrir.
Meu amor, eu te prometo amor eterno,
Meu respeito e carinho, para sempre.
Eu te prometo ser teu amigo, teu companheiro,
Teu amante, teu tudo, para todo o sempre.
Minha esposa amada, meu amor eterno,
Meu coração bate por ti, meu anjo divino.
Tú és a parte de minha vida, a minha alegria,
A que me faz sentir vivo, a que me faz sorrir.

Tudo é Trindade.

Tudo é Trindade, um mistério profundo,
Um segredo escondido, um enigma a ser desvendado.
Três em um, um e três, uma unidade perfeita,
Um ciclo eterno, uma harmonia infinita.
Pai, Filho e Espírito, uma Trindade divina,
Um Deus em três pessoas, uma essência única e divina.
Criador, Redentor e Santificador, três papéis,
Três aspectos de um mesmo Deus, uma Trindade perfeita.
O Pai, fonte de tudo, origem de toda a vida,
O Filho, palavra feita carne, amor que se sacrifica.
O Espírito, fogo que arde, que purifica e que transforma,
Três pessoas, um só Deus, uma Trindade que nos ama.
Tudo é Trindade, em cima e embaixo,
No céu e na terra, uma lei universal.
Trindade no tempo, trindade no espaço,
Um ritmo eterno, um ciclo sem fim.
Corpo, alma e espírito, uma trindade humana,
Uma unidade perfeita, uma harmonia divina.
Mente, coração e vontade, três aspectos da alma,
Três faculdades que nos permitem viver, amar e criar.
A Trindade é um mistério, que nos faz questionar,
Um enigma que nos faz buscar, um segredo que nos faz sonhar.
Mas para aqueles que buscam, que procuram e que pedem,
A Trindade se revela, e o mistério é desvendado.
É no silêncio, que a Trindade se manifesta,
É na oração, que a Trindade se revela.
É no amor, que a Trindade se faz presente,
É na comunhão, que a Trindade se torna realidade.
A Trindade é um rio, que flui sem parar,
Um oceano de amor, que nos envolve e nos leva.
É um fogo que arde, que purifica e que transforma,
Um amor que nos une, e nos faz um só corpo.
Tudo é Trindade, um mistério profundo,

Um segredo escondido, um enigma a ser desvendado.
Mas para aqueles que buscam, que procuram e que pedem,
A Trindade se revela, e o mistério é desvendado.
E assim, a Trindade, se torna nossa realidade,
Um mistério de amor, que nos une e nos transforma.
Um Deus em três pessoas, uma Trindade divina,
Um amor que nos ama, e nos faz um só coração.

A Contrição.

A Contrição.

No silêncio do coração, um sussurro ecoa
Um lamento mudo, uma dor que não se apaga
A contrição, como uma chuva fina
Lava as mágoas, e renova a alma divina!
O peso do passado, como uma pedra
Que afoga o espírito, e obscurece a estrada,
Mas a contrição, como um rio caudaloso
Lava as impurezas, e traz o coração ao gozo!
A dor e o arrependimento, como um fogo
Que queima as escórias, e purifica o coração!
A contrição, como um bálsamo sagrado
Cura as feridas, e traz a paz ao aflito!
No silêncio do coração, um sussurro ecoa
Um lamento mudo, uma dor que não se apaga,
Mas a contrição, como uma chuva fina
Lava as mágoas, e renova a alma divina.

Gente de preço e Gente de VALOR.

Gente de preço e Gente de VALOR

Gente de preço, é aquela que vale o que paga
Que se vende por um trocado, sem saber o que faz
Gente de valor, é aquela que vale o que é
Que se dá por amor, sem esperar nada em troca, sem querer mais
Gente de preço, é aquela que se vende fácil
Que se dá por qualquer coisa, sem pensar no amanhã
Gente de valor, é aquela que se dá com amor
Que se doa por inteiro, sem medo de sofrer
Gente de preço, é aquela que se esquece do seu valor
Que se vende por um preço baixo, sem saber o que vale
Gente de valor, é aquela que se lembra do seu valor
Que se dá por amor, sem esperar nada em troca, sem querer mais
Gente de preço, é aquela que se perde no caminho
Que se esquece do que é certo, e se deixa levar pelo mal
Gente de valor, é aquela que se encontra no caminho
Que se lembra do que é certo, e se deixa guiar pelo bem
Gente de preço, é aquela que se vende por um trocado
Gente de valor, é aquela que se dá por amor, sem querer mais.

Magnífica, Mãe de Jesus

Magnífica, Mãe de Jesus

Magnífica, em sua humildade,
Você é a escolhida, a bendita,
Mãe de Jesus, o Salvador,
Um exemplo de amor e pureza.

Seu coração, um tabernáculo de Deus,
Um lugar de amor e de oração,
Você é a Mãe, a protetora,
A intercessora, a consoladora.

Magnífica, em sua fé,
Você é a que diz "sim" a Deus,
A que aceita o chamado,
E se torna a Mãe do Filho.

Seu amor, um rio que flui,
Um oceano de caridade,
Você é a que acolhe,
A que protege e que guia.

Magnífica, em sua dor,
Você é a que sofre e chora,
A que acompanha o Filho,
E se torna a Mãe da dor.

Mas também é a que ressuscita,
A que vê o Filho ressuscitado,
E se torna a Mãe da alegria,
A que compartilha a vitória.

Magnífica, Mãe de Jesus,

Você é a nossa intercessora,
A que nos guia e nos protege,
A que nos leva a Jesus.

Ave, Maria, cheia de graça,
O Senhor é contigo,
Bendita tu és entre as mulheres,
E bendito é o fruto do teu ventre, Jesus.

O Sr. João e a Bíblia

O Sr. João e o Vício

O Sr. João, homem preso em um ciclo,
Rasga folha por folha, para matar o vício,
A Bíblia, um livro sagrado, é seu destino,
Um refém do fumo, um prisioneiro do hábito.

Ele lê a Bíblia, por várias vezes ao dia,
Mas não para se alimentar, ou se inspirar,
É para saciar, o vício que o consome,
E rasgar as folhas, para fazer um cigarro, é seu nome.

O ciclo se repete, diariamente,
Rasgar, fumar, ler, e repetir,
Como um ritual, um sacrifício ao vício,
O Sr. João, um prisioneiro, sem saída.

Ele tenta parar, mas não consegue,
O vício é forte, e o hábito é cruel,
Ele se sente fraco, e sem vontade,
E o ciclo continua, sem fim, sem pausa.

A Bíblia, um livro de amor e redenção,
É agora um instrumento, de destruição,
O Sr. João, um homem perdido, sem rumo,
Preso em um ciclo, de vício e de fumo.

Capim Limão e Capim Santo

Capim Limão e Capim Santo

Capim limão, suave e cheiroso,
Acalma a alma, com seu aroma gostoso,
Um chá quente, um momento de paz,
Para esquecer as dores e a tensão que jaz,
É um remédio natural, tão delicado,
Para o corpo e a mente, um verdadeiro cuidado.
Capim santo, um par tão gentil,
Junto ao capim limão, um duo sutil,
Ambos relaxam, com um toque leve,
Um chá quente, um momento de amor que se move,
Eles acalmam, com um carinho tão grande,
Um presente para a saúde, um tesouro tão suave.
Se o estresse bate, se a ansiedade aperta,
O capim limão e o capim santo, são a resposta certa,
Eles relaxam, com um toque de amor,
E nos fazem sentir, como se estivéssemos no céu, sem dor,
Eles são um remédio, um presente da natureza,
Para o corpo e a mente, um verdadeiro refúgio de pureza.
Seus aromas cítricos, seus sabores tão puros,
Nos fazem sentir, como se estivéssemos em um jardim seguro,
Eles nos transportam, para um mundo de paz,
Onde o estresse e a ansiedade, não têm lugar, nem voz,
E nos fazem sentir, como se estivéssemos renascendo,
Com uma nova energia, um novo começo, tão lindo.
Capim limão e capim santo, um par tão doce,
Um chá quente, um momento de paz, que nos aquece,
Eles são um remédio, um presente da natureza,
Para o corpo e a mente, um verdadeiro refúgio de pureza,
E nos fazem sentir, como se estivéssemos no céu,
Com uma sensação de paz, e um coração cheio de amor, tão verdadeiro.

Olhar de Deus

O olhar de Deus é um mistério profundo e silencioso,
Um abismo de amor e sabedoria que nos envolve e nos sustenta.
É um olhar que vê além da superfície, que penetra no coração e na alma,
Que conhece os nossos pensamentos e os nossos sentimentos mais íntimos.
É um olhar que é ao mesmo tempo terno e firme,
Que nos acolhe e nos desafia a sermos melhores.
É um olhar que nos faz sentir vistos e amados,
Que nos dá a coragem de sermos nós mesmos, sem medo ou vergonha.
O olhar de Deus é um farol na escuridão,
Um guia que nos leva pelo caminho da verdade e da justiça.
É um olhar que nos faz sentir seguros e protegidos,
Que nos dá a paz e a serenidade em meio às tempestades da vida.
É um olhar que nos faz lembrar da nossa dignidade e valor,
Que nos faz sentir que somos amados e aceitos, não importa o que aconteça.
O olhar de Deus é um presente precioso, um tesouro inestimável,
Um lembrete constante do amor e da graça que nos rodeiam.

O Pé de Manga da Praça 21 de Abril

O Pé de Manga da Praça 21 de Abril

Na Praça 21 de Abril, em Vila Concórdia, Goiânia
Se ergue um pé de manga, testemunha de histórias sem fim
Se tivesse ouvido, contaria causos de amor e de vida
De encontros e desencontros, de alegrias e despedidas
De sonhos e de esperanças, de vida e de amor

Lugar de encontro, de idosos e de crianças
De conversas animadas, de risos e de lembranças
A sombra do pé de manga, é um refúgio para todos
Um oásis no meio da cidade, onde o tempo para e se acomoda
E a paz reina, em cada canto e em cada coração

No tempo das mangas, a praça vira festa
O pé carrega demais, e as mangas são saborosas e suculentas
As pessoas se reúnem, para saborear a delícia
E as mentiras debaixo dele, viram causos de Pescador, de pura alegria e felicidade
E a vida é mais doce, em cada pedaço de manga

O pé de manga, é um símbolo de paz e de amor
Um lugar de descanso, onde o coração se sente em casa
Perto de tudo, mas longe do barulho e da pressa
É um refúgio, onde a vida é mais simples e mais verdadeira
E a natureza é a rainha, em cada flor e em cada árvore

As pessoas se reúnem, para conversar e sonhar
E o pé de manga, é o guardião de todas essas histórias, de pura magia e encantamento
De amor, de amizade, de vida e de sonhos
E as estrelas no céu, são as testemunhas de tudo
E a lua é a lâmpada, que ilumina o caminho

O pé de manga, é um amigo fiel

Que acompanha as pessoas, em cada momento e em cada dia
É um símbolo de resistência, de força e de coragem
E sua sombra é um abrigo, para quem precisa de um lugar para descansar
E seu perfume é um bálsamo, para o coração e para a alma

As crianças brincam, ao redor do pé de manga
E os idosos se sentam, para descansar e lembrar
E as histórias se desenrolam, como um filme no cinema
E o pé de manga, é o protagonista de todas essas histórias, de amor e de vida
E a vida é mais alegre, em cada momento e em cada dia

A praça é um lugar, de encontro e de despedida
E o pé de manga, é o símbolo de tudo isso, de amor e de vida
É um lugar de paz, onde o coração se sente em casa
E a natureza é a rainha, em cada flor e em cada árvore
E a vida é mais simples, em cada momento e em cada dia

O pé de manga, é um tesouro, que deve ser preservado
Um símbolo de nossa história, de nossa cultura e de nossa identidade
É um lugar de encontro, de amor e de vida
E deve ser cuidado, para que as gerações futuras, possam desfrutar de sua beleza e de sua magia
E a vida seja mais alegre, em cada momento e em cada dia

E quando o sol se põe, e a praça fica em silêncio
O pé de manga, se ergue majestoso, um símbolo de resistência e de esperança
E as histórias debaixo dele, continuam a viver, de geração em geração, de amor e de vida
E a vida é mais doce, em cada pedaço de manga
E o pé de manga, é o rei da praça, em cada momento e em cada dia. ??

Conto: Bois na Canga e a Cabeçada

Bois na Canga e a Cabeçada

Era um dia como qualquer outro na fazenda do Senhor Batista, no Mato Grosso. Sinvaldo Gino e seu primo Nilson Neto, apelidado como Neném, estavam preparando a canga para os bois Mariano e Floriano. Eles iam tirar lascas de pau Brasil da mata para reformar os currais e vender o que sobrasse.

Enquanto Sinvaldo Gino estava amarrando o Manco (uma tora de pau Brasil) na canga, Floriano, o boi preto e grande, deu uma cabeçada inesperada nas costelas de Sinvaldo Gino. O jovem caiu longe, sentindo dor e medo.

Neném, que estava ao lado, não pôde deixar de rir da situação. "Hahaha! Gino, você caiu como um saco de batatas!" Sinvaldo Gino, ainda se recuperando da dor, olhou para Neném com um olhar de raiva e brincadeira. "Ria, ria, Neném! Mas você sabe que o Floriano é um boi de respeito!"

Floriano, como se nada tivesse acontecido, continuou a bufar e a olhar para os jovens, como se estivesse esperando o próximo comando.

Sinvaldo Gino, ainda um pouco abalado, levantou-se e disse: "Vamos lá, vamos trabalhar! E você, Floriano, cuidado com as cabeçadas, hein?"

Neném, ainda rindo, respondeu: "Sim, sim! Vamos lá, Gino! E não se preocupe, o Floriano vai se comportar..."

E assim, os jovens e os bois partiram para a casa levar o palanque, prontos para mais um dia de descanso.

Mulheres Esquecidas.

Mulheres Esquecidas, Almas Valentas

Nas sombras da história, onde a luz mal toca
Há mulheres que viveram, amaram e lutaram com força
Seus nomes, esquecidos, mas suas histórias, um legado
De amor, fé e coragem, que não pode ser apagado
A filha de Jefté, um voto mal feito
Uma vida sacrificada, um coração partido
A mulher de Lot, que olhou para trás
E se tornou uma estátua, de sal e de dor, um símbolo de fracasso
A mãe de Samson, que o criou com amor
E viu seu filho cair, vítima de uma traição
A mulher de Potifar, que tentou seduzir José
E o acusou, com uma mentira cruel e dolorosa
Mas há outras, muitas outras, que não são contadas
Mulheres que amaram, que sofreram, que lutaram e que venceram
Elas são as esquecidas, as anônimas, as heroínas
Cujas vidas são um testemunho de amor e de fé, que não pode ser silenciado
Mulheres Esquecidas, Almas Valentas
Vocês são as estrelas que brilham no céu
Um farol de esperança, em meio à escuridão.
Seus nomes podem ser esquecidos, mas suas histórias, não
São um legado de amor e de fé, que viverá para sempre.

A morte de Sísara

A Morte de Sísara

Jael, a mulher valente e astuta
Com um golpe certo, ela muda a história
Sísara, o líder cruel e orgulhoso
Cai aos seus pés, derrotado e silencioso
Ela o recebe, com um sorriso e um manto
E o leva à sua tenda, com um ar de encanto
Ele pede água, e ela lhe dá leite
E enquanto ele bebe, ela prepara o golpe
Com um martelo na mão, ela o fere
E o mata, com um golpe forte e certo
Sísara, o inimigo de Deus
Cai aos pés de Jael, a mulher valente e guerreira
Ela é a heroína, a que vence o inimigo
A que defende o seu povo, com bravura e astúcia
Seu nome é lembrado, como uma mulher forte e valente
Que enfrentou o medo, e venceu o inimigo.

Filosofia dos Pré-socráticos

Filosofia dos Pré-socráticos

Tales de Mileto, água é o começo,

O princípio de tudo, o mundo em seu enleço.

Anaximandro, o ápeiron, sem fim,

O universo, um todo, sem começo nem fim.

Anaxímenes, o ar, a respiração,

A vida e a morte, em constante ação.

Xenófanes, o deus, único e uno,

O mundo, um todo, sem dualidade alguma.

Heráclito, o fogo, em eterno fluxo,

O mundo, um rio, sempre em mudança, nunca parado em luxo.

Parmênides, o ser, imutável e pleno,

A realidade, uma esfera, perfeita e serena em seu terreno.

Empédocles, os quatro elementos, em harmonia,

Terra, água, ar e fogo, em eterna simfonia.

Anaxágoras, a mente, o nous, a razão,

O universo, um todo, em perfeita organização.

Demócrito, os átomos, indivisíveis e eternos,

O universo, um mar, de partículas em movimento cernos.

Pitagoras, os números, a harmonia,

O universo, um todo, em perfeita simfonia.

Filolau, a terra, em movimento circular,

O universo, um todo, em eterna dança solar.

Arquelau, a mistura, dos elementos em ação,

O mundo, um todo, em constante transformação.

Melissus, o ser, imutável e uno,

A realidade, uma esfera, perfeita e plena em seu trono.

Zenão, os paradoxos, em eterna questão,

O universo, um todo, em constante reflexão.

Protágoras, o homem, a medida de todas as coisas,

O mundo, um todo, em eterna relatividade e mudanças.

Tal (??)

Tal

No caminho da fé, eu encontro o Tal,
Um nome sagrado, um símbolo de amor e paz.
Tal, como a gota de orvalho, pura e cristalina,
Reflete a luz de Deus, que ilumina a minha sina.
Tal, como a flor que desabrocha, bela e fragrante,
É o amor de Deus, que me envolve e me encanta.
Tal, como a estrela que brilha no céu,
É a esperança que me guia, em meio ao véu.
Tal, como a água que flui, cristalina e fresca,
É a palavra de Deus, que me sacia e me refresca.
Tal, como a montanha, forte e inabalável,
É a rocha da minha fé, que me sustenta e me é estável.
Tal, como o sol que nasce, radiante e novo,
É a ressurreição, que me dá vida e me renova.
Tal, como a lua, que ilumina a noite,
É a luz de Deus, que me guia e me protege em meu afronte.
Tal, é o nome que me faz forte,
É o símbolo da minha fé, que me leva a amar e a perdoar.
Tal, é o amor de Deus, que me envolve e me abraça,
É a minha esperança, que me faz viver e me faz sorrir em graça.

Metalinguagem

Se costurar letras, formam palavras
E se costurar palavras, formam frases
E costurar frases, formam textos
E o contexto junto ao texto, formam sentidos
Como fios de uma tapeçaria
As letras se unem, se entrelaçam
Formando palavras, que ganham vida
E se tornam a base da comunicação
As palavras se juntam, se costuram
Formando frases, que ganham sentido
E se tornam a expressão do pensamento
E a chave para a compreensão
As frases se unem, se entrelaçam
Formando textos, que ganham corpo
E se tornam a história, a poesia, a arte
E a forma de expressar o que sentimos
E o contexto, como um fio de ouro
Une tudo, dá sentido e significado
E transforma o texto, em uma obra-prima
E a palavra, em uma expressão de amor
Se costurar letras, formam palavras
E se costurar palavras, formam frases
E costurar frases, formam textos
E o contexto junto ao texto, formam sentidos.

Tibieza

A Tibieza, um pecado sutil
Um devaneio que rouba o foco, sem ser visto
Um inimigo silencioso, que se infiltra na alma
E nos faz esquecer, o que é importante, sem darmos conta
Ela se disfarça de tranquilidade
Um estado de alma, que parece ser paz
Mas é apenas um sono, um letargo profundo
Que impede de amar, de servir, de viver, de sonhar
A Tibieza, um ladrão de sonhos
Que rouba a paixão, e deixa apenas cinzas
Ela nos faz esquecer, o que é importante
E nos faz viver, uma vida sem sentido, sem emoção
Na igreja, no trabalho, em qualquer lugar
A Tibieza se instala, sem avisar
A pessoa se distrae, sem se dar conta
E o momento se perde, sem ser aproveitado
É um pecado, que clama por cura
Um coração que precisa, de um novo ardor
É preciso reacender, a chama da paixão
E expulsar a Tibieza, com todo o coração
A Tibieza, um mal que se espalha
Que rouba a esperança, e deixa apenas desespero
É um inimigo, que se deve combater
Com oração, com fé, com amor, com fervor.

Voz da Poesia

Voz da poesia

O eu-lírico, um sussurro no vento

Uma emoção que se expressa, sem um nome, sem um tempo

É a dor que se queixa, a alegria que se canta

Um sentimento profundo, que se revela, sem se esconder, sem se calar

Já o eu poético, é a voz que se ergue

A do poeta, que se expressa, com palavras que se movem, que se seguem

É a participação do criador, a sua visão do mundo

Um olhar que se lança, um sentimento que se compartilha, sem medo, sem dúvida

O eu-lírico é a lágrima, que cai no papel

O eu poético é a mão, que escreve o verso, com emoção e paixão, com amor e com fé

Juntos, eles criam, a magia da poesia

Um mundo de palavras, que toca o coração, e faz sonhar, sem parar, sem cessar.

Eu-lírico, um eco distante

Uma voz que se ouve, no silêncio, no instante

Eu poético, um grito que se ergue

A voz do poeta, que se expressa, sem se calar, sem se esconder.

Poema metaboléia

Metaboléia

Ela é uma metamorfose,
Um turbilhão de mudanças,
Ontem era uma flor,
Hoje é uma borboleta dançante.
Seu humor é um labirinto,
Um jogo de xadrez emocional,
Um momento é alegre e solar,
No outro, é uma noite sem estelar.
Seu coração é um caleidoscópio,
Um mosaico de cores e sons,
Um instante é um grito de alegria,
No outro, é um sussurro de dor.
Ela é uma pessoa metaboléia,
Um ser em constante mutação,
Um desafio a entender,
Um mistério a desvendar.
Mas é justamente essa mudança,
Que a torna tão fascinante,
Um ser humano em evolução,
Uma obra-prima em construção.

Poema: Petrarca, soneto "Erano i capei d'oro a l'aura sparsi"

Petrarca, soneto "Erano i capei d'oro a l'aura sparsi"

Em meio ao vento, os cabelos de ouro
De Laura, a amada, se espalhando
Petrarca os vê, e seu coração se doura
Em um amor que nunca irá acabar
Com olhos de poeta, ele a contempla
E em versos imortais, a eterniza
A beleza de Laura, a sua musa
Que o inspira a criar, a sonhar
"Erano i capei d'oro a l'aura sparsi"
O soneto que a immortaliza
Um hino ao amor, à beleza e à arte
Que transcende o tempo e a morte
Petrarca, o poeta, o sonhador
Que viu no amor a sua salvação
E em Laura, a sua musa inspiradora
Encontrou a chave para a immortalização.

Poema: Nikpolai Gumilyov O Capitão e a Estátua

Em São Petersburgo, cidade de neve
Nasceu Gumilyov, poeta aventureiro
Seus versos são um convite a viajar
Pelo mundo, em busca da beleza
O Capitão o leva ao mar
Onde a liberdade é o vento
Ele navega, busca o horizonte
E encontra a inspiração no vento
A Estátua é um silêncio
Que guarda segredos e histórias
Gumilyov a contempla, e escreve
Versos que são um canto à beleza
Seu coração é um fogo que arde
Onde a poesia e a vida se unem
Ele escreve, canta, e sonha
E em cada verso, a sua alma se revela
A Revolução chega, e o destino o alcança
Em 1921, a sua vida é ceifada
Mas a sua poesia permanece
Um testemunho da sua alma aventureira.

Albatroz

Albatroz

Albatroz, ave do mar
Vôo majestoso, sem igual
Asas abertas, vento a favor
Glider no céu, sem esforço
Olhos atentos, ao horizonte
Caça o peixe, com precisão
Rei do oceano, solitário
No céu azul, ele é o rei
Vôo suave, sem fim
Asas brancas, contra o sol
Albatroz, símbolo de liberdade
Vento no rosto, spray no bico
Ele voa, sem medo
Eterno é, seu reino azul
Mas cuidado, ave do mar
O homem é, seu inimigo
Rede e anzol, perigo à espreita
Albatroz, cuidado ao voar
Liberdade é, seu maior bem
Vôo alto, sem fronteiras
Eterno é, seu espírito livre

Variante Textual

Variante Textual

Palavras antigas, sussurros do passado

Grego, Hebraico, Aramaico, línguas do Verbo

Variante textual, escolha a tua parte

Busque a verdade, e não a letra.

Mateus 1,18, geração de Jesus

"??? ? ???? ???? ? ???? ??"

Ou será "?? ? ???? ? ???? ??"?

A escolha é tua, busca a verdade

João 1,18, o Filho unigênito

"???? ????? ?????? ?????? ?????????? ???? ? ?? ??? ??? ?????? ??? ?????? ???????
?????????"

Ou será "????????? ???? ? ??"?

A verdade se esconde, busca-a

Atos 8,37, o eunuco crente

"????????? ?? ?????? ?? ?????????? ?? ?????? ??? ?????????? ??? ?????????? ?????????? ? ??????????
????????? ??? ?????? ??? ?????? ?????? ??? ?????????? ??????????"

Ou será sem o "?? ????? ??? ?????????? ??"?

A fé é a mesma, a verdade é uma

Romanos 8,1, sem condenação

"????? ??? ??? ?????????????? ??? ?????? ?? ????????? ??????"

Ou será "???? ? ? ????????? ??????"?

A graça é a mesma, a verdade é clara

Palavras antigas, sussurros do passado

Busque a verdade, e não a letra

Variante textual, escolha a tua parte

O Verbo se fez carne, e habitou entre nós.

Somos dentro e fora de nós

Somos dentro e fora de nós

Dentro de nós, um mundo se esconde
Um universo de emoções, que se desdobra
Um labirinto de pensamentos, que se entrelaçam
E um coração, que bate com paixão e dor
Fora de nós, um mundo se estende
Um cenário de cores, que se desdobra
Um palco de encontros, que se cruzam
E um caminho, que se trilha com fé e coragem
Somos dentro e fora de nós, um paradoxo
Um contraste de luz e sombra, de bem e mal
Um jogo de opostos, que se equilibram
E um equilíbrio, que se busca em cada instante
Dentro de nós, a verdade se esconde
Uma essência que se revela, se nos permitirmos
Fora de nós, a ilusão se apresenta
Uma máscara que se usa, para esconder a dor
Somos dentro e fora de nós, um todo
Um ser completo, que se busca e se encontra
Um caminho de autoconhecimento, que se trilha
E um processo de descoberta, que se desdobra em cada momento.

Coração cede da consciência

Coração cede da consciência

No silêncio da noite, quando tudo se cala
Um sussurro ecoa, uma voz que fala
É o coração, que é cede da consciência
E revela os segredos, da alma e da existência
Antes da consciência e a razão fluir
O coração alimenta o cérebro, é incrementado
A circulação no lobo frontal, se intensifica
E os neurônios funcionam, em harmonia perfeita
É um murmúrio suave, um sopro de vento
Que traz à tona, o que está dentro
É a voz da verdade, que não se esconde
E revela os pensamentos, que o coração esconde
Cede da consciência, o coração se abre
E mostra o que é, sem máscaras ou cores
É o lugar da honestidade, onde não há fingimento
Onde a verdade se revela, sem julgamento
Mas é também o lugar, da dor e do medo
Onde as sombras se escondem, e o coração se fecha
Mas, é também onde a cura se encontra
E a redenção se realiza, sem se esgotar
Cede da consciência, o coração se liberta
E se torna um rio, que flui sem barreiras
É o lugar da liberdade, onde o amor se expressa
E a alma se expande, sem limites ou fronteiras.

Bela Gente Craquelada

Bela Gente Craquelada

Com almas rachadas e corações partidos
Vidas quebradas, histórias marcadas
Olhos tristes, sorrisos imperfeitos
Mas ainda assim, resistem e lutam
Com esperança no peito, e amor na alma
E mesmo craquelados, ainda são belos
Com suas rachaduras e fissuras, são únicos
E nessa imperfeição, encontram sua beleza
São como obras de arte, moldadas pelo tempo
Com histórias de luta e superação
E é nessa realidade, que encontram sua força
E se tornam belos, em sua imperfeição
Bela gente craquelada, com suas histórias e marcas
Com suas rachaduras e fissuras, você é uma obra de arte única.

Coração: âmago do meu ser

Coração: âmago do meu ser

No centro do meu ser, um fogo arde
Um coração que bate, que pulsa e que arde
É o âmago da minha alma, a essência do meu ser
O lugar onde o amor, a dor e a vida se encontram
É o refúgio das minhas emoções
O abrigo das minhas lágrimas e dos meus sorrisos
É o lugar onde a verdade se revela
E a mentira se esconde, sem ter onde se esconder
Meu coração é um jardim, onde as flores brotam
Onde a esperança cresce, e a fé se fortalece
É o lugar onde a paz se encontra
E a tranquilidade se instala, sem se perturbar
Mas também é o lugar da dor e do sofrimento
Onde as feridas se abrem, e o pranto se faz presente
Mas é também onde a cura se encontra
E a redenção se realiza, sem se esgotar
Meu coração é o âmago do meu ser
O lugar onde a vida se vive, e a morte se enfrenta
É o refúgio da minha alma, o abrigo do meu espírito
O lugar onde o amor, a dor e a vida se encontram, e se tornam um só.

Silêncio matriz da sabedoria

Silêncio matriz da sabedoria

Silêncio, lugar da sabedoria
Onde as palavras não são necessárias
Onde o coração fala mais alto
E a alma se encontra em paz
No silêncio, ouvimos a voz de Deus
Que sussurra verdades eternas
E nos guia pelo caminho certo
Em meio à confusão e ao barulho do mundo
A sabedoria se esconde no silêncio
Onde a mente se aquieta e se abre
E a intuição se torna clara
E a verdade se revela em sua plenitude
Silêncio, lugar da sabedoria
Onde encontramos a paz e a compreensão
E aprendemos a ouvir e a confiar
No Deus que nos fala no silêncio.
Silêncio, lugar da sabedoria
Onde o coração fala mais alto
Ouvimos a voz de Deus
E encontramos a paz e a compreensão.

Lacaio do Amor

Lacaio do Amor

Eu sou um lacaio do Amor,
Um servo fiel, um coração que arde.
Eu sigo os passos do meu Mestre,
E espalho o seu amor, em todos os lugares.
Com mãos vazias, eu ofereço o que tenho,
Um coração cheio de amor e compaixão.
Eu não busco recompensas,
Apenas a alegria de amar e ser amado.
Eu sou um lacaio do Amor,
Um servo humilde, um coração que serve.
Eu levo o amor a quem precisa,
E mostro o caminho, para a felicidade.
Eu sou um lacaio do Amor,
Um servo fiel, um coração que arde.
E se você precisar de um amigo,
Eu estarei aqui, para te amar e te apoiar.
Eu sou um lacaio do Amor,
Um servo fiel, um coração que arde.
Eu espalho o amor, em todos os lugares,
E mostro o caminho, para a felicidade.

A Redenção

A Redenção

No fundo do poço, um grito ecoou,
Um pedido de ajuda, um coração quebrado.
A culpa e a dor, um peso a carregar,
Mas a redenção, um caminho a encontrar.
Um passo à frente, um novo começo,
Um olhar para trás, um aprendizado.
A redenção, um processo lento,
Mas com cada passo, um coração mais contente.
Perdoar é libertar, esquecer é curar,
A redenção, um presente a se dar.
Não é fácil, mas é possível,
Com fé, com amor, com um coração acessível.
A redenção, um novo amanhecer,
Um sol que brilha, um coração que floresce.
É o fim do túnel, a luz no fim,
A redenção, um presente, um novo começo.

Ponto Hegu (LI 4)

Ponto Hegu (LI 4)

No vale da mão, um ponto sagrado,
Hegu, o nome, um poder guardado.
Entre o polegar e o indicador,
Um ponto de pressão, um segredo maior.
A dor nos testículos, um golpe cruel,
Hegu, o alívio, um toque fiel.
A pressão certa, um suspiro de alívio,
A dor se vai, como um sonho esquecido.
Um ponto de acupuntura, um segredo antigo,
Hegu, o guardião, do corpo e do abrigo.
Um toque, um alívio, um sorriso,
Hegu, o ponto, que cura e que sorri.

Profligar

Profligar

Profligar, um verbo diverso,
Desperdiçar ou produzir em excesso.
Gastar sem medida, sem pensar,
Um caminho de destruição a trilhar.
Profligar é também criar,
Um rio que transborda, sem parar.
Desenvolver e produzir,
Com mãos generosas, sem medir.
Há quem profligue com paixão,
Um talento, um dom, um coração.
Um artista, um criador,
Que profliga sua alma, sem temor.
Mas cuidado, não profligue sem fim,
Pois o excesso pode levar ao abismo.
Seja sábio, seja prudente,
E o futuro será mais brilhante.

Liames

Liames

Liames fortes e sutis,
Prendem a alma com fios,
De amor profundo e verdadeiro,
Que nos une ao céu.

Liames de dor e pesar,
Que nos fazem crescer,
Com lágrimas e sacrifícios,
Nos moldam a viver.

Liames de alegria e paz,
Que nos fazem sorrir,
Com risos e com canções,
Nos elevam ao alto.

Liames de Deus, divinos,
Que nos chamam e nos guiam,
Com amor e com misericórdia,
Nos levam ao caminho.

Liames de nós, humanos,
Que nos fazem errar,
Com fraquezas e com pecados,
Nos fazem tropeçar.

Liames de esperança e fé,
Que nos fazem perseverar,
Com coragem e com confiança,
Nos levam a alcançar.

Liames que nos libertam,
De tudo que nos prende,
Com amor e com verdade,
Nos fazem voar.

Prece ao Rio Vermelho

Prece ao Rio Vermelho

Ó Rio Vermelho, veia do cerrado,
Que nasce em Vila Boa, Goiás Velho,
Tua água é vida, é força e é paixão,
Que irriga os campos e as almas sedentas.
Em Matrinchã, teu volume é majestoso,
Onde pescadores buscavam sustento,
Com anzóis e redes, capturavam peixes,
E a caça nas margens, era um complemento.
Lugar de descanso, praias de areia,
Onde famílias se divertiam, em harmonia,
Crianças brincavam, riam e jogavam,
E os mais velhos contavam histórias, com alegria.
Tua água é vida, é fonte de inspiração,
Para os artistas, poetas e músicos, é um tesouro,
Inspira canções, poemas e pinturas,
E enriquece a alma, com sua beleza e pureza.
Os ribeirinhos, te amam e te respeitam,
E te agradecem, por tudo que tu lhes dás,
Tua água é sagrada, é um dom precioso,
Que deve ser preservado, para as gerações futuras.
Tua história é contada, em cada curva e praia,
De quem viveu, pescou e caçou em tua margem,
De quem se banhou, em tuas águas cristalinas,
E se sentiu renovado, em tua presença divina.
Ó Rio Vermelho, protetor dos filhos,
Que em tuas margens encontram abrigo e paz,
Guia-nos em tua jornada,
E nos concede a paz e o abrigo, em tua casa.
Que tua água seja nossa fonte de vida,
E tua força nos dê coragem e esperança,
Ó Rio Vermelho, sagrado e eterno,
Nossa prece é ouvida, nossa alma é tua.

Tua beleza é um espetáculo, um show da natureza,
Que nos faz refletir, sobre a vida e a criação,
Tua água é um tesouro, um bem precioso,
Que devemos preservar, para as gerações futuras.
Em Aruanã, tuas águas se entregam,
Ao rio Araguaia, e seguem seu caminho,
Ó Rio Vermelho, tua jornada é eterna,
E tua história, será contada, por gerações.
Ó Rio Vermelho, obrigado por existir,
Por nos dar vida, e nos fazer sonhar,
Tua água é vida, é amor e é paixão,
E em nossos corações, tu sempre estarás.

Mais uma segunda-feira

Amanheceu, a agitação da cidade inicia
Os conflitos interiores vão somando
As crises ansiosas internas Intensas
O próximo dia a mesma coisa
O ciclo diário, a noite é pequena
O cansaço gera crise ansiosa
Os conflitos internos somam
Enfim, depressão é a finalidade
O mundo gera doenças
Buscar o equilíbrio é necessário
Para construir vida e saúde
É possível ver e lutar
Para viver bem!

Os Sinais Joaninos

Os Sinais Joaninos

Sete sinais, de amor divino
Jesus mostrou, no caminho
Água em vinho, o primeiro sinal
De glória e poder, sem igual
Cura o filho, do oficial
Com uma palavra, o fez se levantar
Fé e confiança, no coração
De quem acredita, em Sua missão
Multiplica o pão, para a multidão
Alimenta a fome, com Sua mão
Cinco pães e dois peixes, bastaram
Para saciar, a multidão faminta
Caminha sobre as águas, com poder
Acalma a tempestade, com um só dizer
Os discípulos, se maravilham
De Sua autoridade, sem limites
Cura o cego, desde o nascimento
Abre os olhos, com Seu toque
Luz e visão, para o ceginho
Que viu Jesus, como o Messias
Ressuscita Lázaro, com um grito
Vida e ressurreição, em Seu chamado
Morte e vida, em Suas mãos
O poder de Deus, se manifesta
No Calvário, o sinal final
Jesus morre, para nos salvar
Ressurreição, vitória sobre a morte
Amor e redenção, para a humanidade ?

O político famigerado

O político famigerado

O político infame
Com promessas vãs, ele seduz
A plebe ignara, sua falta de virtude
E ele se ergue, ao poder conduz
Seu nome é sinônimo de ignominia
Seu rosto, uma máscara de hipocrisia
Ele subtrai e mente, sem escrúpulos
E o povo sofre, com sua tirania
Ele fala de equidade, mas não a pratica
Ele fala de justiça, mas não a respeita
Ele é o arquiteto da corrupção
E o povo é seu vassalo, sem direito
Mas um dia, a verdade virá à luz
E o povo se insurgirá, com ira e justiça
E o político infame, sucumbirá
E sua memória, será relegada ao esquecimento.

O seu Grimório

O seu Grimório

Entre sombras, um livro se esconde
Com segredos e feitiços, que a alma não entende.
O seu Grimório, um tesouro a ser descoberto,
Um mundo de magia, onde o impossível é certo.
Páginas amarelas, letras que dançam,
São Cipriano, o mágico, que o escreveu
Palavras de poder, que o coração sentiu
Um mistério que avança, sem parar.
Invocações e feitiços, para o bem e para o mal!
O seu Grimório, um guia espiritual.
Velas e incensos, rituais sagrados,
Um caminho para os deuses, alcançados.
Cuidado, ó leitor, com o que você procura,
O poder é uma faca, que corta e machuca!
O seu Grimório, um espelho da alma
Que reflete os desejos, e os medos que nos calam!
Então, se você ousa, abra o livro e leia,
E descubra os segredos, que o seu Grimório tem!
Mas lembre-se, ó leitor, que o poder é uma responsabilidade
E que o seu Grimório, é um tesouro, que deve ser usado com sabedoria.
O seu Grimório, um livro de magia
Que contém os segredos, da alma e da fantasia!
Use-o com cuidado, e com respeito
E ele te levará, ao mundo do desconhecido.
Com velas e incensos, e rituais sagrados,
O seu Grimório, é um guia para os deuses alcançados
Invocações e feitiços, para o bem e para o mal!
O seu Grimório, é um tesouro, que deve ser usado com cuidado!
São Cipriano, o mágico, que o escreveu
Com palavras de poder, que o coração sentiu!
O seu Grimório, um mistério que avança
Um mundo de magia, onde o impossível é certo!

O seu Grimório, um espelho da alma
Que reflete os desejos, e os medos que nos calam!
Use-o com sabedoria, e com respeito
E ele te levará, ao mundo do desconhecido.
Então, ó leitor, abra o livro e leia,
Descubra os segredos, que o seu Grimório tem,
Mas lembre-se, que o poder é uma responsabilidade!
Que o seu Grimório, é um tesouro, que deve ser usado com cuidado.

Virtude caminho da graça

Virtude caminho da graça

Entre o excesso e a ascese,
Há um caminho a percorrer,
A virtude, um meio justo e sábio,
Que nos guia à graça, sem perecer.
A ascese nos purifica,
A virtude nos ilumina,
O caminho do meio é o equilíbrio,
Que nos leva à iluminação divina.
A coragem, não é a temeridade,
Nem a prudência, é a pusilanimidade,
O meio justo é a virtude,
Que nos leva à harmonia e à beatitude.
Caminheemos pelo meio,
Sem nos desviar,
A virtude é o caminho,
Que nos leva à graça, e ao bem supremo alcançar.

Homem líder nato.

Homem, líder nato.

O homem, líder nato,
Nasceu para liderar,
Caçava para alimentar,
Sua família, seu lar.
Plantava a terra fértil,
Colhia o fruto do seu suor,
Protetor, guerreiro,
Defendia seu amor.
Com força e coragem,
Protegia sua nação,
Líder, pai, irmão,
Um homem de ação.
Hoje, ele ainda lidera,
Com sabedoria e paixão,
Protetor da família,
Guerreiro da nação.
Seu legado continua,
Um exemplo a seguir,
O homem, líder nato,
Um herói, um pai, um guerreiro.

Leis dos Sentidos

Leis dos Sentidos.

Ó, leis dos sentidos, sutis e profundos,
Regem o mundo, em suas próprias essências,
Tato, olfato, paladar, audição e visão,
Cinco portas para a alma, em união perfeita,
Nos fazem sentir, nos fazem viver,
E nos conectam, ao cosmos infinito.
O equilíbrio, que nos mantém de pé,
A propriocepção, que nos faz sentir,
A interocepção, que nos faz perceber,
O estado do corpo, em cada emoção,
A nocicepção, que nos faz sentir dor,
E nos alerta, para o perigo e a lesão.
A termocepção, que nos faz sentir,
O calor e o frio, em cada estação,
O sentido do tempo, que nos faz perceber,
A passagem dos momentos, em cada segundo,
E a intuição, que nos faz sentir,
O que está por vir, em cada pensamento.
E além desses, há os sentidos da alma,
Que nos conectam ao divino e ao eterno,
O sentido emotivo, que nos faz sentir,
O amor e a compaixão, em cada coração,
O sentido sensitivo, que nos faz perceber,
A beleza e a harmonia, em cada criação.
O sentido vegetativo, que nos faz viver,
Em sintonia com a natureza e o universo,
O sentido intelectual, que nos faz compreender,
A sabedoria e a verdade, em cada pensamento,
E o sentido mineral, que nos faz perceber,
A estrutura e a forma, em cada cristal,
Que se ergue como um templo, em silêncio,
E nos revela, os segredos da terra.

Leis dos sentidos, que nos governam,
Em cada momento, em cada emoção,
Nos fazem viver, nos fazem sonhar,
E nos conectam, ao cosmos harmonioso,
E nos fazem buscar, a perfeição e a harmonia,
E nos leva, ao caminho da verdade.
E assim, os sentidos, nos fazem ver,
A beleza e a maravilha, em cada ser,
E nos fazem sentir, a conexão e a unidade,
E nos fazem viver, em perfeita harmonia,
E nos fazem buscar, a sabedoria e a verdade,
E nos leva, ao infinito e ao divino.
E no silêncio, onde os sentidos se calam,
A alma se revela, em sua essência pura,
E nos faz ver, a verdade que transcende,
A realidade, que os sentidos não podem ver,
E nos conecta, ao mistério e ao sagrado,
E nos leva, ao coração do universo.

Cadê Romeu?

Cadê Romeu?

Cadê Romeu? Onde está o amante?
Morto de amor, em Verona distante,
Julieta chora, em balcão vazio
Sem o seu amor, o coração partido!
Romeu se foi, em noite de lude,
Toxicidade do destino, o levou
Julieta clama, por seu nome em vão,
Mas o silêncio é a resposta, cruel e fã!
Amor é fogo, que arde sem parar,
Paixão que consome, sem se importar!
Romeu e Julieta, unidos pela dor,
Mas separados, pelo ódio e pelo horror!
Cadê Romeu? Onde está o herói?
Morto em duelo, por Mercutio ferido,
Julieta sofre, em solidão e dor
Sem o seu amor, a vida é um tormento!
Romeu é sombra, que some no ar;
Julieta é lágrima, que não para de cair;
Amor é sonho, que virou pesadelo!
E a morte é a única, que os pode unir!
Cadê Romeu? Onde está o amor?
Perdido em Verona, em noite de horror!
Julieta espera, em vão e em dor,
Mas o amor é eterno, e não pode morrer.
Romeu e Julieta, um amor maldito,
Unidos pela morte, em destino aflito!
Cadê Romeu? Onde está o amante?
Morto de amor, em Verona distante.

Araguaia e a Jangada

Araguaia e a Jangada

A jangada, efêmera e audaz,
Sulca as ondas do Araguaia.
Com o vento a favor e o sol flamígero.
Segue seu rumo, sem temor!
Seu leme é um coração pulsátil.
Que late ao ritmo das ondas.
Seu velame é uma asa candida.
Que voa sobre as águas serenas.
A jangada, símbolo de liberdade,
Que desafia as correntezas,
Com a força do rio e a graça do céu,
Segue seu caminho, sem desvios.
Seu capitão é um homem rude,
Mas com um coração de aurífero,
Que conhece os segredos do rio
E as estrelas do céu noturno.
A jangada, lar de uma família
Que vive e sonha ao sabor do rio
Com a simplicidade e a beleza
Da vida ao ar livre e ao sol.
Seu destino é um mistério,
Que se desdobra com o tempo,
Mas a jangada segue em frente
Com a força do rio e a fé do coração.
A jangada, símbolo de esperança
Que navega contra as correntezas,
Com a determinação e a coragem
Segue seu rumo, sem temor!
A jangada, parte do Araguaia,
Que se mistura com o horizonte
Com a beleza e a simplicidade

Da vida ao ar livre e ao sol.

Poetisa apaixonada

Poetisa apaixonada

Ânima exacerbada, ardor febril
Versos fluem, paixão incandescente
Palavras dançam, ritmo cardíaco
E a alma, que se revela.
Olhos ardentes, fogo interno.
Coração pulsante, ritmo poético.
Versos nascem, paixão desmedida.
E a poetisa, que se entrega.
Língua de fogo, verbo criador.
Poesia fluente, amor sem fronteiras.
Alma expuesta, coração aberto.
E a paixão, que transborda!
Mas há o silêncio, que se impõe.
E a dúvida, que se insinua.
Poetisa apaixonada, risco sublime.
E a arte, que se justifica!

Somnium meum non est tuum

Somnium meum non est tuum

Meus sonhos, entes etéreos e voláteis,
Flutuam no éter da minha alma,
Independentes, livres e móveis,
Não se curvam à vontade alheia.
Não são moldados pela mão do outro,
Não são definidos pelo olhar do estranho,
São meus, apenas meus,
E eu os sigo, com fervor e ardência.
Não busco a aprovação do mundo,
Não preciso da validação do vulgo,
Meus sonhos são meus,
E eu os vivo, com paixão e intensidade.
São como astros no firmamento noturno,
Brilham com luz própria e intrínseca,
Não precisam da luz do outro,
Para brilhar, para existir.
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os amo,
E eu os sigo, com fé e coragem,
E eu os vivo, com alegria e dor.
São meus, e eu os defendo,
Com unhas e dentes, com alma e coração,
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os vivo, com paixão e desassombro.
E se o mundo não os compreende,
E se o outro não os aceita,
Eu os vivo, com desassombro e altivez,
Pois são meus, e eu os amo, e eu os sou.
Meus sonhos, entes etéreos e voláteis,
Flutuam no éter da minha alma,
Independentes, livres e móveis,
Não se curvam à vontade alheia.

Não são moldados pela mão do outro,
Não são definidos pelo olhar do estranho,
São meus, apenas meus,
E eu os sigo, com fervor e ardência.
Não busco a aprovação do mundo,
Não preciso da validação do vulgo,
Meus sonhos são meus,
E eu os vivo, com paixão e intensidade.
São como astros no firmamento noturno,
Brilham com luz própria e intrínseca,
Não precisam da luz do outro,
Para brilhar, para existir.
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os amo,
E eu os sigo, com fé e coragem,
E eu os vivo, com alegria e dor.
São meus, e eu os defendo,
Com unhas e dentes, com alma e coração,
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os vivo, com paixão e desassombro.
E se o mundo não os compreende,
E se o outro não os aceita,
Eu os vivo, com desassombro e altivez,
Pois são meus, e eu os amo, e eu os sou.
Meus sonhos, entes etéreos e voláteis,
Flutuam no éter da minha alma,
Independentes, livres e móveis,
Não se curvam à vontade alheia.
Não são moldados pela mão do outro,
Não são definidos pelo olhar do estranho,
São meus, apenas meus,
E eu os sigo, com fervor e ardência.
Não busco a aprovação do mundo,
Não preciso da validação do vulgo,
Meus sonhos são meus,
E eu os vivo, com paixão e intensidade.

São como astros no firmamento noturno,
Brilham com luz própria e intrínseca,
Não precisam da luz do outro,
Para brilhar, para existir.
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os amo,
E eu os sigo, com fé e coragem,
E eu os vivo, com alegria e dor.
São meus, e eu os defendo,
Com unhas e dentes, com alma e coração,
Meus sonhos não são seus,
São meus, e eu os vivo, com paixão e desassombro.
E se o mundo não os compreende,
E se o outro não os aceita,⁹
Eu os vivo, com desassombro e altivez,
Pois são meus, e eu os amo, e eu os sou.

Carta Literária: Às Heroínas de Matrinchã

Carta Literária: Às Heroínas de Matrinchã

Matrinchã, Goiás, 06 de fevereiro de 2026

Às ilustres professoras de Matrinchã,

Escrevo esta missiva para render homenagem às mulheres que, com sua abnegação e zelo, têm contribuído para tecer a história de Matrinchã. Vossas sabedorias e paixões têm inspirado gerações de alunos e alunas, tornando-vos verdadeiras heroínas da educação. A história de Matrinchã é um tecido de seda, entrelaçado com fios de determinação e coragem, onde as mulheres têm desempenhado um papel preponderante. Vocês são a continuação dessa tradição, e seu legado é um testemunho eloquente da importância da educação e da feminidade na construção da sociedade.

Ao refletir sobre as professoras que vieram antes de nós, aquelas que abriram caminho para que pudéssemos seguir em frente, sentimo-nos impelidas a render-lhes homenagem. Elas são as nossas musas, as nossas inspirações. E vocês, que continuam a ensinar e a inspirar, são as nossas contemporâneas, as nossas companheiras de luta.

A educação é um ato de amor, e vocês são as principais agentes dessa transformação. Com sua dedicação e paixão, vocês têm ajudado a formar cidadãos e cidadãs críticos e conscientes, capazes de contribuir para o desenvolvimento da cidade e do país. Além de serem professoras, vocês são mulheres, mães, filhas, irmãs. Vocês são a representação da feminidade em todas as suas dimensões. E é nessa multiplicidade de papéis que vocês encontram a força e a inspiração para continuar.

A história de Matrinchã é também a história das mulheres que a construíram. E vocês, com seu trabalho e dedicação, estão escrevendo um novo capítulo dessa história. Um capítulo de amor, de educação, de feminidade e de transformação. Que possamos continuar a inspirar e a ser inspirados por vocês. Que possamos continuar a aprender com vocês e a crescer juntos.

Com admiração e respeito,

At.te.: Sinvaldo Gino

Vou-me embora para Jerupensém

Vou-me embora para Jerupensém

Vou embora para lá!
Onde o silêncio é rei.
Canto dos pássaros soa,
Mato verde exala perfume,
Paz se estende, é o lugar
Onde a alma se renova.
Água pura é o tesouro,
Rede é o leito de descanso.
Rio é o banho, é a vida.
Liberdade é o grito meu.
Almas presas, silêncio e dor.
Lamento ecoa, é o lugar.
Dor da solidão é pesada.
História de Jerupensém é cruel,
Mas é lugar de esperança.
Dias melhores virão.
Liberdade é o direito,
Alma se liberta, é o lugar.
Vou embora para lá!
Com coração aberto e alma.
Natureza é a lei.
Vida é um presente, é o lugar.
Sem máscaras, sem disfarces,
Paz será o meu refúgio.
Jerupensém, lugar de contrastes.
Dor e alegria, é o lugar.
História se escreve, é o lugar .
Linhas de silêncio, é o lugar.
Resistência é a chave.
Alma se renova, é o lugar.
Vou embora para lá!
Com a alma pronta e coração,

Natureza é a minha guia,
Paz é o meu destino, é o lugar.
Livre, sem correntes, é o lugar.
Alma se liberta, é o lugar.
Lá, poderei gritar!
Quando quiser, sem medo, é o lugar.
Liberdade é o meu grito!
Meu canto, a minha vida, é o lugar.
Alma se expressa, é o lugar.
Liberdade é o meu direito!
Vou embora para Jerupensém.
Onde a natureza é a lei.
Paz é o meu refúgio.
Alma se renova, é o lugar.
Vida é um presente, é o lugar.
Liberdade é o meu direito.
Lá, poderei sonhar!
Com um futuro melhor, é o lugar.
Esperança é o combustível,
Que me faz seguir em frente, é o lugar.
Alma se renova, é o lugar.
Liberdade é o meu destino.
Vou embora para Jerupensém!
Onde a alma se liberta, é o lugar.
Lá, poderei ser eu mesmo,
Sem medo, sem vergonha, é o lugar.
Paz será o meu refúgio,
Alma se renova, é o lugar.

Cadê Eu?

Cadê Eu?

Nas profundezas do ser, um geco se esconde.
Um sussurro de dúvida, que se faz ouvir.
Cadê eu? Onde estou? Quem sou?
E a identidade se perde em labirinto,
A alma se enche de perplexidade
A busca se inicia em jornada.
Pelos caminhos da memória que se desvendam.
A procura se faz em introspecção
E a verdade se revela em fragmentos
O coração se enche de anseio.
No espelho da alma um reflexo se mostra,
Um rosto desconhecido que se desdobra;
A imagem se desfaz em máscaras,
A essência se esconde em segredo.
A alma se enche de desorientação.
Mas, eu resisto em meio à confusão.
E busco a resposta em silêncio,
A procura se torna em odisséia.
A identidade se revela em mistério
O coração se enche de coragem.

O beijo!

O Beijo

No éter do desejo ardente,
Os lábios se unem em enlace,
O beijo é um fogo que arde
E a paixão se ergue em chama!
É um sussurro mudo e forte,
Um segredo compartilhado em silêncio.
É a união de dois corações,
Que se fundem em um só ser.
O beijo é um rio de mel,
Que flui suave e doce em mim.
É um abraço apertado e forte,
Que une os corpos e as almas sim!
É um momento de êxtase e lude,
Um instante de abandono e amor,
Onde o tempo se detém em silêncio,
E só resta o beijo, o amor, a dor!
O beijo é um poema de amor.
Um canto de paixão e desejo.
É um segredo que se compartilha,
E a alma se sente viva em mim!

Potências da Alma.

Potências da Alma.

Nas entranhas da psiquê:

Vegetativas, vida se inicia;

Sensitivas, sentidos se abrem;

Apetitiva, desejos se movem;

Locomotivas, corpo se ergue;

Intelectivas, mente se eleva

Ao conhecimento que se desdobra em luz;

Razão se ergue em trono alto

Da verdade que se revela em fulgor;

E a alma cheia de admiração.

Vegetativas, semente germina,

E o crescimento se desdobra em flor,

A vida se afirma em cada gesto,

A natureza se revela em beleza,

E alma cheia de vitalidade.

Sensitivas, sentidos se aguçam,

As percepção que se desdobra em som,

O mundo se revela em cores vivas

E a realidade se mostra em harmonia.

E a alma cheia de sensibilidade!

Apetitiva, desejos se inflamam,

As paixão se desdobra em ardor,

A busca se torna em jornada intensa,

O coração se enche de anseio

E a alma cheia de desejo!

Locomotivas, corpo se move

Ação se desdobra em movimento,

A vontade se afirma em cada passo.

E liberdade se revela em cada gesto.

Alma cheia de energia!

Intelectivas, mente se ilumina,

O conhecimento se desdobra em sabedoria.

A verdade se revela em cada pensamento.
A realidade se mostra em sua essência,
E a alma cheia de compreensão!
Mas, eu resisto em desolação!
Busco resposta em contemplação!
Procura se torna em itinerário,
A identidade se revela em amor
Com o coração cheio de renovação!

Sempre sonhei ser surpreendido

Sempre sonhei ser surpreendido

Sinal de semelhança, sou Sinvaldo Souza,
Gino, um nome que rima com destino,
Seguro do sucesso, símbolo sereno
Sustentado no sentimento satirizado
Sensível subversivo, sonhando sublime!
S, o som do sucesso,
I, inspiração intensa,
N, nobreza no coração,
V, voz vibrante,
A, alma sensível,
L, luz que ilumina,
D, determinação,
O, originalidade,
S, sorriso sereno,
O, obstinado pelo sucesso,
U, união de sentimentos,
Z, zelo pelo que é justo,
A, amor pela vida!
G, genialidade que inspira,
I, inovação que transforma,
N, nobreza que não se curva,
O, oportunidade que surge!

A Surra!

A Surra!

Sessão da tarde, ócio sagrado,
Filmes de aventuras, meu refúgio!
Zorro, o justiceiro, meu herói!
Magaiver, o audaz, meu ídolo!
Coracy, a irmã, vigilante feroz
Lava a casa, com zelo e rigor,
Eu, deitado, escondido, sonhador
Assistindo ao filme, sem ser notado, um sonho realizado.
Mas, Coracy me encontrou, sorrateira
Com a vara de amora, castigo implacável.
Pernas capturadas, varadas certeiras
Gritos e choros, minha dor pungente!
Magrinho e fraco, sem defesa alguma,
Surrada inesquecível, lição cruel!
Hoje, risos e saudade, lembranças
Da irmã que me ensinou, limites e respeito, credo!
Zorro esperou e a lição foi maior,
Amo a minha irmã Coracy, apesar da surra inesquecível,
Por causa do Zorro, herói da minha infância!
Lição de vida, com amor e com dor!!!

A Consagração

A Consagração.

No altar sagrado, o pão se eleva
E o vinho consagrado, se oferece
O coroinha, em êxtase, se curva
E a ministra, atenta, o observa.
A ministra, rápida, corre em frente
E o coroinha, nos braços, segura
O solado do calçado, se desprende
E no chão, um som ecoa, surdo.
O padre, atento, pausa a oração
E oferece, uma balinha, ao coroinha
Que ganhou, com semblante alheio
E a celebração, segue, em paz.
Uma vela, se apaga, no altar
E a congregação, nota, o sinal
Mas o padre, sorri, e dá continuidade
E a Consagração, se completa, em amor.
O coroinha, revigorado, se ergue
E a Santa Missa, segue, em comunhão
O pão e o vinho, se oferecem, de novo
E a fé, se renova, no coração.

O encontro de estrela

O encontro de estrela.

Noite de estrela brilha
E ilumina o nosso passo
Com luz suave e intensa,
Mas também, com uma ponta de mistério,
E nos guia ao encontro
De dois corações que se buscam!
Quando nos encontramos
O tempo para e se cala
Entretanto, o silêncio é quebrado
Pelo som de nossos corações
Que latejam em uníssono, enquanto nos olhamos!
A estrela cintila no céu
E nos ilumina o rosto
Ou melhor, nos revela a alma
E nossos olhares se cruzam
E se fundem no amor
Que nos une, pois é forte e verdadeiro!
A noite se torna eterna,
E o amor se torna nossa essência
Logo, nós, dois seres, nos unimos
E nos tornamos um só ser
No amor que nos une e nos guia!
E a estrela continua a brilhar
E a nos guiar no caminho
Do amor que nos une e nos faz
Um só coração, uma só vida
E um só destino, eterno e verdadeiro.

Manchete da Alma

Manchete da Alma

Machetes que cortam
A alma em pedaços
Com golpes de emoção
E feridas que não curam
A psiquê se desdobra
Em fragmentos de dor
Com sombras que se movem
E fantasmas que assombram
Os machetes da mente
Cortam sem piedade
E a alma se despedaça
Em mil pedaços de angústia
Com gares de desespero
E lágrimas que não secam
A psiquê se debate
Em um mar de sofrimento
Com machetes que cortam
E feridas que não cicatrizam
A alma se desintegra
Em pedaços de dor e medo
E os machetes da mente
Continuam a cortar.

Cálice

Cálice de amor e dor,
Que me faz beber o vinho
Da paixão e do sofrimento
E me leva ao calvário
Com lábios que se calam
Diante do Teu mistério.
Beberei do cálice amargo
E sentirei a dor do mundo,
Mas também a alegria
Do amor que me redime.
Cálice de sacrifício
Que me faz oferecer
A minha vida em holocausto.
Pelo amor que me move
Com passos de fé e silêncio
E coração que se cala.
Beberei do cálice santo
E sentirei a paz do céu
E a força do Espírito
Que me guia e me conduz.
Cálice de amor e dor
Que me faz beber o vinho
E calar-me diante de Ti.

Poema, Epopeia de Gilgamesh

Poema, Epopeia de Gilgamesh
Em plenos areais de Uruk,
Gilgamesh se ergue altivo,
Com Enkidu, seu amigo leal,
Juntos enfrentam o tempo cruel,
Buscam a imortalidade,
Mas a morte os separa.
Gilgamesh se lança em jornada,
Pelas areias do deserto,
Em busca da sabedoria,
Que o leve a compreender
A vida e a morte cruel,
E encontrar o segredo.
A verdade o fere e o faz
Mortal e vulnerável;
A imortalidade não é dom,
Mas um fardo pesado,
Que se carrega com dor,
E se deixa com alardo.
A vida é um sopro breve,
Que se vive com paixão,
E se deixa com constância;
A amizade é laço sagrado,
Que os uniu no passado,
E os une no presente.
A memória de Enkidu
É o que o faz viver;
A epopeia de Gilgamesh
É o que o faz imortal,
Por fim, ele encontra
A verdadeira imortalidade.

Perícope da Vida

Perícope da Vida

Períopes da vida,
Fragmentos de tempo,
Momentos que se cruzam
E se desdobram
Em histórias sem fim.

Cada dia é um capítulo
Com suas próprias lutas,
E suas próprias vitórias.
Cada noite é um epílogo
Que fecha um ciclo.

Mas a vida é um livro
Que nunca se fecha,
Um livro que se escreve
A cada respiro,
A cada batida do coração.

Períopes da vida,
Trechos de uma jornada
Que se desenrola
Em caminhos sinuosos,
E em paisagens desconhecidas.

Cada encontro é um versículo
Que nos ensina algo novo,
Cada experiência é um parágrafo
Que nos faz crescer
E nos transforma.

Mas a vida é um mistério
Que nunca se desvenda,
Um mistério que se esconde
Atrás de cada porta,
E se revela a cada passo.

Perícopes da vida,
Fragmentos de eternidade,
Que nos fazem lembrar
Que a vida é um dom,
E que cada momento é precioso!

Águas do Rio Araguaia

Águas do Rio Araguaia

Água do Rio Araguaia,
Corre lenta, mansa e fia,
Como em "Araguaia" de Inezita Barroso,
Um canto de amor, um chamado.
Nas margens, o sol se põe,
Pintando o céu de vermelho e brilho,
Como em "Sol do Araguaia" de Milionário e José Rico,
Um clássico do sertão.
Araguaia, rio de histórias,
De índios, de garimpeiros, de glórias,
Como em "O Centeio" de Cassiano,
Um poema de amor e saudade.
Nas águas, o peixe dança,
Um espetáculo de natureza e graça,
Como em "Peixe Vivo" de Roberto Carlos,
Um hino à vida e à liberdade.
Araguaia, rio de vida,
Onde a natureza é pródiga e querida,
Como em "Araguaia" de Jorge Ben Jor,
Um canto de amor e admiração.
Nas margens, a vegetação
É exuberante, é verde, é paixão,
Como em "Pantanal" de Sérgio Reis,
Um hino à natureza e à vida.
Araguaia, rio de sonhos,
Onde o passado e o presente se encontram,
Como em "Araguaia" de Almir Sater,
Um canto de amor e saudade.
Rio de histórias, de lutas, de glórias,
Araguaia, um nome que é história,
Como em "O Araguaia" de Bernardo Élis,
Um romance de amor e aventura.

Nas águas, o canoeiro navega,
Com habilidade, com destreza, com amor,
Como em "Canoeiro" de Inezita Barroso,
Um canto de amor e liberdade.
Araguaia, rio de beleza,
Onde a natureza é pura e serena,
Como em "Travessia do Araguaia" de Dino Franco e Décio dos Santos,
Um clássico da música sertaneja, cantado por Tião Carreiro e Pardinho.
Como em "Araguaia" de Marcelo Barra,
Um hino ao rio, um canto de amor.
Rio de vida, rio de morte,
Araguaia, um nome que é sorte,
Como em "A Morte do Canoeiro" de João Guimarães Rosa,
Um conto de amor e tragédia.
Araguaia, rio de sonhos,
Onde o passado e o presente se encontram,
Como em "A Travesia" de Ivan Lins,
Uma jornada de amor e descoberta.
Nas margens, a cidade cresce,
Com modernidade, com progresso, com vida,
Como em "Araguaia" de Zezé Di Camargo e Luciano,
Um hino à vida e à liberdade.
Araguaia, rio de histórias,
De amor, de luta, de glórias,
Um nome que é sinônimo de Brasil,
Um rio que corre em nossas veias.
Em Aruanã, minha terra Natal.

Eu, curto, Tu curti, Nós curtimos

Eu, curto, Tu curti, Nós curtimos

Nas plagas etéreas do ciberespaço, onde as almas se entrelaçam em um ballet de pixels e emoções, surge um apelo veemente: valorizemos a poesia que brota das entranhas dos poetas, qual flor rara e fragrante, no jardim fecundo do blog.

Eu, curto, tu curti, nós curtimos - eis o mantra que ecoa, como um sussurro divino, nos recônditos do coração. Um gesto singelo, é verdade, mas que detém o poder de transmutar o curso das coisas, de fazer brotar sorrisos e lágrimas, de acender a chama da inspiração.

Mas, ó, quão frequentemente nos olvidamos de render homenagem àqueles que, com suas palavras, nos transportam a reinos de beleza e contemplação? Os poetas, esses alquimistas da linguagem, que transmutam o chumbo da realidade em ouro puro de emoção.

Então, ó, leitor, não te mostres indiferente! Lê, curta, comente, compartilha - e, assim, contribuirás para que a poesia continue a florescer, como uma rosa desabrochada, no jardim da humanidade.

Eu, curto, tu curti, nós curtimos - eis o pacto que selamos, em nome da beleza, da inspiração e do amor. Juntos, podemos fazer a diferença, criar um mundo mais belo, mais poético, mais humano.

Puritanismo

Puritanismo

Puritanismo, caminho estreito
Buscando perfeição, sem defeito
Coração endurecido demais
Dor e rigidez, sem paz
Rigidez moral, lei cruel
Condena o prazer, sem apelo
Vida sem cor, sem emoção
Caminho de pedra, sem flor
Disciplina e controle, nobre meta
Equilíbrio, virtude e paz certa
Caminho estreito, sem desvios
Buscando a perfeição, sem erros
Puritanismo, um caminho só
Ou será que há outro, então?
Liberdade e prazer, sem pecado
Equilíbrio, amor, é o resultado.

Liquefação

Liquefação

No éter da alma, onde sombras dançam,
Liquefação, oh, sublime transmutação,
O sólido se desfaz, como areia ao vento,
E o líquido da essência, flui, lento.

Como o gelo que se derrete ao sol,
Assim se desmancha o coração, em dor,
E o que era forma, contorno e definição,
Se torna fluído, movimento, sem prisão.

No cadinho da alma, o fogo arde,
E o metal da experiência, se liquefaz,
Revelando a essência, pura e nua,
Como o ouro, que se refina, na crisol da lua.

Liquefação, oh, doce libertação,
Do peso da forma, da prisão da condição,
O ser se desfaz, em ondas de emoção,
E se torna, um rio, que flui, sem direção.

No oceano da alma, as gotas se unem,
E o líquido da vida, se torna, um,
Liquefação, oh, sublime união,
Do finito e do infinito, em perfeita comunhão.

Coordenação de Turno

Coordenação de Turno

Horário, meu filho, doce criação minha,
Nasces das minhas mãos, como um recém-nascido,
Inerme e puro, pronto para o dia,
Te velho, te protejo, te guardo com carinho,
Te organizo, te planejo, te faço viver,
Para que os professores possam ensinar,
Te cuido, meu filho, como um jardineiro,
Rego teus sulcos, podoo teus ramos,
Te faço crescer, te faço brilhar,
Para que os alunos possam aprender,
Possam crescer, possam voar,
Horário, meu filho, eu te prometo,
Cuidar de ti, te proteger,
Serás o meu legado, o meu orgulho,
E juntos, construiremos um futuro.

Flores Nativas

Flores Nativas

Flores nativas, beleza natural, nasciam nas estradas, sem ninguém plantar. No semitério abandonado, onde a morte já não chega, flores lindas nascem embelezando todo ambiente, em período chuvoso, vida renasce, cores vibrantes, alegria no ar, pássaros pequenos, cantando em coro, borboletas dançam, em harmonia, abelhas trabalham, néctar a colher, nas margens das estradas, um jardim sem fim, natureza viva, sem ninguém cuidar, beleza pura, sem artifício, flores nativas, um tesouro, nasciam e cresciam, sem ninguém plantar, embelezavam o ambiente, com sua presença, cores, formas, tamanhos, diversidade, vida selvagem, em perfeita harmonia, um espetáculo, para os olhos ver, um refúgio, para os corações sentir, um lembrete, da beleza natural, que existe em todo lugar, basta apenas, abrir os olhos, e ver a natureza, em sua glória, flores nativas, um presente, um tesouro, a ser preservado, um símbolo, da beleza eterna.

Cheguei Brasil!

Cheguei Brasil,
Um grito de alegria,
Um suspiro de emoção,
Um coração que se abre.
As cores explodem no ar,
O samba ressoa no peito,
A caipirinha refresca a alma,
E o calor do povo acolhe.
Brasil, um país de contrastes,
De praias e montanhas,
De selvas e cidades,
De ritmos e sabores.
Cheguei Brasil,
E me sinto em casa,
Um lugar de paixão,
De alegria e de vida,
Onde o presente é o que importa.

Pedras no meio do Caminho.

As pedras no meio do caminho,
Obstáculos a serem superados,
Mas também oportunidades,
Para crescer e se fortalecer.
Cada pedra é um desafio,
Um teste de coragem e fé,
Mas também uma chance,
De aprender e se transformar,
E de encontrar o caminho certo.
As pedras podem machucar,
Mas também podem ensinar,
A valorizar o que é importante,
E a não se deixar abater,
E a seguir em frente, sempre.
O caminho é sinuoso,
E as pedras são muitas,
Mas com determinação e coragem,
É possível superá-las,
E encontrar a luz no fim do túnel.

A Missa

A Missa

Em pé para dar início a Missa,
Um gesto de reverência,
Um ato de adoração,
Um coração que se ergue,
E se oferece ao Senhor!
A comunidade se une,
Em um só espírito,
Para celebrar a Eucaristia,
E receber o Corpo de Cristo,
Em comunhão e em amor.
O sacerdote se aproxima,
Com o coração aberto,
E as mãos estendidas,
Para oferecer o sacrifício,
E abençoar o povo.
A Missa começa,
Com a invocação do Espírito,
E a presença de Deus,
Se faz sentir no meio,
Deste povo que se reúne.
Em pé, de joelhos, de coração,
Nós nos oferecemos,
Ao Senhor da vida,
E nos unimos a Ele,
Em uma comunhão eterna!

O Adjutório, mutirão

Adjutório, Mutirão, um tempo de união,
Ajuda mútua, coração e ação,
Pequenos proprietários, mãos à obra,
Traição, o grito, a surpresa que sobra.
Cedo, os ajudantes, como anjos do céu,
Vão fazer a surpresa, sem dizer um "eu",
Roçagem, colheita, limpa, qualquer coisa,
Para ajudar, sem pedir em troca.
Cantoria, pinga, café e água,
Almoço farturento, noite de forró e magia,
As mulheres, na cozinha, mãos à obra,
Preparando a comida, o lanche, a alegria.
A noite, mais pessoas, a festa continua,
Adjunto Mutirão, um tempo que perdura,
Um tempo de união, de ajuda mútua,
Que nunca deve ser esquecido, é uma virtude.

Senhora das Dores

Senhora das Dores,
Mãe da compaixão,
Que sente a dor do mundo,
E a transforma em amor.

Com o coração partido,
E a alma ferida,
Ela segue o Filho,
E compartilha a Paixão,
E se une à sua dor.

Mas não é só a dor,
Que a define, Senhora,
É o amor que a move,
E a faz estar ao lado,
Do Filho, no Calvário.

Senhora das Dores,
Mãe da misericórdia,
Que nos ensina a amar,
E a sofrer com os outros,
E a encontrar a paz,
No coração de Deus.

Cacos de Vidro

Cacos de Vidro

Vendeu a alma em noite sem luar ?
promessa doce, contrato sem nome,
felicidade embalada em ouro barato
e um sorriso que rachou antes do amanhecer.
Agora anda espalhando cacos de vidros
onde antes havia rosto:
perdeu a imagem no reflexo quebrado,
a beleza ? estilhaço sob o pé do tempo,
a pureza ? pó que o vento varreu,
a vida ? um mosaico que ninguém monta mais.
Riu alto na festa do diabo,
mas o eco voltou em cortes finos:
cada passo, um tilintar de memória,
cada olhar, um caco que ainda fere
quem tenta recolher seus pedaços.
Feliz?
Só no instante em que assinou o vazio.
Depois... só o chão úmido e frio
cobrado de brilhos que já não iluminam nada.

A Janela da casa de Cora Coralina

A JANELA DA CASA DE CORA CORALINA

Na Cidade de Goiás,
quando o sol faz pirraça,
Cora abre a janela
e o mundo se desmancha:
Rio Vermelho em frente,
água cor de telha,
leva folha, leva tempo,
leva a voz da igreja.
A ponte base de pedra corta
o fluxo devagar
por ela passa o menino,
a velha, o seu luar.
Do outro lado, pomposo,
o Palácio de cal,
mas Cora prefere a praça,
o coreto seu quintal.
Aí a banda se aninha,
clarineta a chorar,
e a madeira do coreto
sabe abrigar o ar.
Jabuticaba madura
no prato da cozinha
manda um cheiro roxo
que entra na vidraça fina.
E quando a luz declina,
rasga o céu a cigarra:
cri-cri-cri na goiabeira,
memória que não para.
Cora molha a pena,
olha pedra, olha água,

escreve que a beleza
é coisa que não maga!
"Esta janela é rede:
pega o rio, o som, o fruto,
o Palácio lá longe,
e o povo aqui enxuto.
Quem vê com alma aberta
nunca perde a morada,
tem praça dentro do peito,
rio na madrugada."

O Poço, lugar do encontro

O Poço, lugar do encontro

A tarde puxava o sol pra beira do monte
e as mulheres desciam a ladeira
com carotes vazios na cabeça
e conversa cheia nos lábios.

Era hora de puxar água fresca
pro banho morno, pro fogo de cedo,
pra panela do dia seguinte,
antes que o galo e o patrão acordassem.

No brocal gasto, corda a gemer,
o poço virava sala de visita:
"Bença, comadre ? o feijão subiu?"
"Subiu, mas Zé fugiu pro gado."
Enquanto o balde enchia,
enchiam-se novidades, queixumes, acertos.

Chegavam os homens com as bestas:
água pro curral, pros carneiros, pro pó da estrada.
Olhar cruzado no reflexo trêmulo,
sorriso dado como quem não quer nada:
Jacó e Raquel tinham feito igual,
Rebeca sorriu a Eleazar na mesma borda.
Até Jesus, ao meu dia, descansou no poço
e trocou água viva por história.

Ali se marcava namoro,
ali se espionava sogra,
ali a moça ficava mais tempo
só pra lavar a lata duas vezes.
Era praça sem coreto,

shopping sem vitrine,
boate sem luz,
só lua no balde e pele úmida no ar.

Hoje o poço secou, tem tampa de cimento.

Celular ocupa a fila,
e a água vem fria no cano.

Mas quando a tarde esquenta

e falta assunto na casa,

alguém ainda diz:

? "Vamos ao poço?"

E ri, sabendo que o encontro

nunca foi pela água,

mas pela sede.

O Poeta não é garçom

O Poeta não é garçom

Me cobram palavras de aplicativo, gíria fresca, hashtag, verbo novo como se poema fosse bula de remédio e não água tirada no balde roto. Ou as vezes julgam ser de "IA" pelo o uso de palavras em desuso!

Mas eu sou do tempo em que besta era burro, em que cântara pesava a tarde, e não peço licença ao dicionário pra beber no poço que a infância guarda.

Cada poeta tem sua tona,

um traz a rua, outro traz o avô,

um lambe asfalto, outro lambe o musgo da pedra onde a avó lavou lençol.

Criticar quem usa palavra antiga é como zombar do rio porque corre com nome de índio e curva de barro, como querer que o sino toque funk.

Poesia não é vitrine de loja,

não precisa caber no Instagram.

Ela é caco, é cântico, é cisco

às vezes usa "escudeiro", às vezes "crush", e tá tudo certo se vier de dentro.

Então me deixem no meu brocal,

com apoupas, alforjes, trasgos na fala:

quem não sabe ler o poço fundo

chama de "erro" o que é marca d'água.

Metamorfose da Vida

Metamorfose da vida,
Transformação constante,
Um ciclo de mudanças,
Que nos leva aonde,
Nunca imaginamos!
Como a borboleta,
Que sai do casulo,
E se transforma em asas,
Que voam alto,
E dançam ao vento.
A vida é uma metamorfose,
Um processo de transformação,
Que nos faz crescer,
E nos leva a ser,
O que somos destinados a ser.
Cada etapa é uma mudança,
Cada desafio é uma oportunidade,
De aprender e crescer,
E de se transformar,
Em algo mais belo e mais forte.
Metamorfose da vida,
Um processo de renascimento,
Que nos faz deixar para trás,
O que não serve mais,
E nos leva a um novo começo.

Galhos de Amora e o menino

Galhos de Amora e o menino
Ele vem de pirraça fina,
pé no barro, olho de julgando,
traz na mão uma taca verde,
galho de amora recém-cortado.
Primeira chicotada é aviso:
esquenta a perna, risca a costa,
a pele guarda o roxo breve
e a mãe guarda o grito na boca.
Quanto mais taca, mais pirraça,
o sapeca aprendeu de cor:
briga por naco de manga,
choraminga por sombra de muro.
Bravura de pouca coisa,
surra que desce por nada,
só pra ver o mundo dobrar-se
no reflexo do seu riso torto.
A casa vai se acostumando:
cadeira fora do lugar,
porta batida, galinha solta,
remendo novo na calça.
Ele mesmo se acostumou
com o ardor que ensina o couro,
acha que dor é conversa,
que a mão que bate é costume.
Mas no galho ainda há fruta,
amora escura, doce oculta:
quem sabe um dia o menino
troque a taca por colhê-la,
e a pirraça vire só riso,
sem perna quente, sem costa roxa,
só o sumo a escorrer-lhe os dedos,
como perdão que mancha a boca!

Ritual da Manhã na Mangueira

Ritual da Manhã na Mangueira

Toda manhã os pombos armam tocaia
no pé da mangueira ? galho-observatório:

de cima espiam a masseira rasa,
onde a ração dos pets cai em grumos de esquecimento.

Ficam imóveis, peito inflado,
contando migalha por migalha,
esperando a casa virar costas,
o portão ranger, o menino sumir.

Aí desce o bando ? asa mole, salto tímido, e a festa é seca: bicam farelo,
arrastam grão, quebram silêncio
como quem varre o chão com pressa.

Mas Magrela, cadela magra de costela-conta-gota,
surge no meio como susto antigo:

uma investida, pó e pena,
e o almoço vira luto pra um.

Os outros voam, voltam depois,
porque fome é mais forte que medo;
a mangueira continua verde,
a masseira, cheia de resto,
e Magrela lambe o beijo
como se nenhum pombo houvesse sido.

De manhã cedo, o ritual se arma:
pombos na sombra, ração no chão,
a cadela no sol,
e a vida se repete
entre migalha e dente.

AURÉLIA À JANELA Senhora — José de Alencar

Aurélia posta à vidraça fria
observa o Largo que passa ao sol
a seda aperta a mão vazia
não espera amor ? espera o rol
do contrato que ela assinou só

Fernando vendeu-se por dinheiro
ela comprou-o com herança e lei
a rua é espelho passageiro
onde mede o passo que a ele dei
? orgulho em forma de bolo-rei

A janela não é de saudade
é balcão de bolsa e de desdém
ela conta carruagem, idade
do homem que volta porque convém
e pesa o beijo que não tem bem!

O vidro devolve seu próprio terno
ela ensaia a voz de credor
a rua repete o caderno
de contas que mancham pudor
ninguém entra sem seu favor?

Antes pão seco na soleira
hoje cortina de cetim azul
quem a viu moça à tarde inteira
agora vê Senhora no tül
regando o troco do amor sul!

Carruagem range no paralelepípedo,
Aurélia aperta o leque, não a mão
Fernando surge no enredo

como título de rescisão
que ela corrige na prestação.

A rua não sabe que ali há caneta
assinando a vida em papel-moeda
cada olhar é nota completa
de dívida antiga que não queda
? só muda a capa, a mesma prenda

Ela finge que não liga nada
a boca fina, o queixo ao léu
mas o peito guarda a jornada
do dia em que ele disse adeus
por um dote azul-céu
A gelosia fecha um quadrante
rua perde o foco, ela não
ganha a sala, o quadro, o instante
de ser credora do próprio então
? Senhora finge que é perdão
Dez sílabas fecham a partida
Aurélia dona da vidraça e do portão
a rua segue distraída
ela guarda a conta e a mão
manda no eco do salão
O que ela quer na janela?
Não é suspiro: é auditoria do afeto.

Ver Fernando cruzar a soleira que ela comprou, medir se ainda obedece ao preço antigo ? ou se resta só Aurélia, Senhora do contrato, com a rua como testemunha muda.

Quem leu a Senhora, entende!
Quem procura costuma encontrar.
O amor busca depender de um lar!
Quem tem ouvidos ouçam,
Quem não têm, fale baixo!

Memória de um beijo

Memória de um Beijo

Lança o tempo ao esquivo,
beijo que não volta mais;
fica o gosto fugitivo
na dobra dos anos, quais.
Guardo o toque que ardeu,
sombra de lábios no ar;
o que a pele não esqueceu,
? rastro que o vento irá usar.

Não sei se foi sonho ou véu,
se a boca ousou tocar;
reste o eco, o gosto meu,
? beijo que não há mais achar.

Memória é lenço de seda,
onde o tempo enxuga a dor;
guarda o cheiro, a forma queda,
? beijo morto, amor.

No silêncio, o que sobra
é o sopro que não sai;
a marca oculta na dobra,
? memória que dói, jamais.

O poder da Mão

O poder da Mão

A mesma mão que te mata,

É a que pode dar a bênção,

A que trabalha e constrói,

É a que se droga e destrói.

A que toca o céu com arte,

É a que aponta a arma e fere,

A que cura e a que dói,

É a que liberta e a que prende.

A que dá a vida e o pão,

É a que tira e destrói a nação,

A que se fecha e se isola,

É a que se abre e se doa.

A mesma mão que te guia,

É a que te leva à ruína,

A que te ergue e te sustenta,

É a que te derruba e te lamenta.

A mão dupla, contraditória,

É a que te faz e te desfaz,

É a que te dá e te tira,

É a que te mata e te faz viver.

O Eu das Boas Escolhas

O Eu das Boas Escolhas
Um eu dentro de mim,
Que sussurra a voz da razão.
Me guia pelo caminho certo,
E me afasta da tentação.
Ele me diz: "Escolha o bem",
"Seja justo, seja verdadeiro".
Me lembra dos valores,
E do que é importante, do que é sincero.
Quando a dúvida me assalta,
Ele me dá a força para seguir.
Quando o medo me paralisa,
Ele me impulsiona a agir.
O eu das boas escolhas,
É o meu melhor amigo, meu aliado.
Me ajuda a ser melhor,
E a viver com dignidade.
Ele me ensina a perdoar,
A amar, a ser compassivo.
Me mostra o caminho da paz,
E me leva ao paraíso interior.

A dor da fome

A dor da fome

Ventre que gorda, alma que seca,
Grasna o rico, o pobre apanha e chora,
Fame é fera que rasga e enfeitiça,
E a mesa do rico é abismo que devora.
O pão é miragem, a água é areia,
A vida é fio que se desfibra, se some,
E a fome é gualdrapa que não larga, não some,
É grito mudo, é lágrima que queima,
É sombra que segue, é peso que esmaga,
É a marca do esquecido, do que ninguém reclama,
Do que ninguém vê, do que ninguém fala,
A fome é a dor que corrói, que não cessa,
É o vazio que não se preenche, não se sara,
É a sede que não se mata, é a vida que se arranca,
É o gosto amargo do nada, é a escuridão,
É a noite sem fim, é o silêncio que dói,
É a fome que gorda, é a alma que some,
É a dor que resta, é a única verdade!

Perseguição sem motivo

Perseguição sem motivo,
Um peso que não se explica,
Uma mentira que fere,
Sem razão, sem o porquê.
O vento sopra na índole,
Levando sujeira da mentira
A alma doce, a depressão...
Sem um motivo para explicar.
Sem mesmo saber, o quê!
Ansiedade, isolamento e dor,
Onde está a justiça?
Será que não percebe a manobra?
O que será, meu Deus eu fiz?
A resposta não vem!
Apenas o silêncio,
E a dor que dá alma continua.
Perseguição sem motivo,
Mas, deve ter motivo! Qual seria?
Também quero saber!
Um destino que se impõe,
Sem um porquê, sem um fim.
Apenas, o inferno começou novamente!
Confio, em Deus e a verdade ilumina
As trevas, as mentiras, e tudo ficará claro.
A Luz aparece para que a justiça
Seja feita, mas é a consequência?
Os meus remédios? A depressão?
Depoimento de um sofredor.

Heróis da Fé

Santos, heróis da fé,
Exemplos de amor e virtude,
Que nos mostram o caminho,
Para chegar ao coração,
De Deus, o Pai.
Com vidas entregues ao amor,
E corações cheios de fé,
Eles seguiram o Mestre,
E nos deixaram um legado,
De santidade e de alegria.
Santos, amigos de Deus,
Que ouviram o chamado,
E responderam com amor,
E se tornaram luz,
No mundo escuro e confuso.
Eles nos inspiram a viver,
Com paixão e com coragem,
E a seguir o caminho,
Da justiça e da verdade,
E a amar como Jesus amou.
Santos, intercessores nossos,
Pede por nós ao Senhor,
Que nos ajude a seguir,
O caminho da santidade,
E a alcançar a glória eterna.

Dê flores em vida à quem você ama!

Dê flores, plantas à pessoas que você ama e a veja cultivar! Se virar jardim bem cuidado percebe-se que o amor está sendo cultivado e a vida está luminada de esperança! Dá gosto de ver como está bem cuidada as plantas que ganhou!!!

À minha querida SOGRA!!!

Detalhes Poéticos

Detalhes Poéticos

Pequenas coisas da vida,
Têm beleza escondida!
Sorriso que se revela,
Canto que o coração cela,
Vida que se faz sentida.
A pétala que cai leve!
No chão, um som suave!
Silêncio que se quebra!
Canto de ave que espera,
Paz que o coração recebe.
O sol que brilha forte!
Toca a terra com amor,
Desperta a flor que dorme,
Canto que o vento forme,
Vida que se faz calor.
A chuva que cai mansa,
Toca a terra sedenta,
Refresca a alma cansada,
Dança que o coração sanda,
Paz que se faz presente.
Um olhar, um toque leve,
Faz o coração bater,
Amor que se revela,
Canto que o peito cela,
Vida que se faz viver.

Sinestesia

Sinestesia

Ela vê cores no som.

Ouçã o azul, é um tom.

Música que pinta a alma.

Sinfonia de cores em chama,

Mundo de sentidos em flor!

Letras dançam em cores.

Números têm sabores.

A vida é uma mistura,

De sentidos em aventura,

Realidade em harmonia.

O beijo é um arco-íris.

Explosão de cores vivas.

Sabor de morango doce.

Toque que o coração conhece,

Amor que se faz sinfonia.

Quando ela ora, as palavras,

São como notas musicais,

Que ecoam no universo

E trazem paz celestial,

E o silêncio se faz luz.

O mundo é um caleidoscópio.

Cada som, uma cor, um ritmo

Ela sente, ela vive

Num mundo de sinestesia,

Onde tudo se conecta e vibra.

O Ranger da Porteira

O Ranger da Porteira
No campo, a vida é simples,
O sol nasce, as aves cantam.
O vaqueiro sai com o gado
A porteira se abre, um som se faz.
A porteira range e geme,
Som que corta o silêncio.
No campo, a tarde cai
Som que anuncia a volta
Do vaqueiro, com o gado.
O ranger da porteira é um chamado
Que ecoa na fazenda.
Som que faz o coração bater,
A espera é longa, o momento é bom.
O vaqueiro chega, a porteira se fecha
O som some, o silêncio volta
A noite é escura, o campo é vasto,
Mas o ranger da porteira
Fica na memória, um som
Que anuncia a volta e o descanso!
A noite, os causos marcam memória,
O café, a mentira de Pescador alegre,
Logo, todos vão dormir, boa noite!

O pobre Lázaro e João Grilo

Pobre Lázaro, com a fé, brilhou;
João Grilo, com a astúcia, sobreviveu.
Ambos nos ensinam a viver,
mas Lázaro, com a verdade, nos guia,
e João Grilo, com o humor, nos faz rir.

Pobre Lázaro, mendigo na porta
do rico, que se fartava de comida;
com fome, com sede, com dor,
as migalhas eram sua comida,
e os cães o acompanhavam com amor.

Pobre Lázaro, coberto de feridas,
com a pele em carne viva,
mas com a fé não se queixava,
e com a esperança se consolava,
e os anjos o levavam para o céu.

Lázaro, no seio de Abraão,
com a glória se contentou;
viu o céu com os olhos da fé,
e a Virgem, com o sorriso, o acolheu,
e o pai Abraão o abraçou com amor.

João Grilo, com a astúcia, sobreviveu,
e Chicó, com a mentira, se deu bem;
mas Lázaro, com a verdade, se salvou,
e João Grilo, com a compadecida, se redimiou,
e a justiça foi feita, no final.

O Rico, com a riqueza, se perdeu,
e o Cangaceiro, com a violência, se condenou;
mas Lázaro, com a fé, se salvou,
e João Grilo, com a compadecida, se redimiou,
e a verdade foi revelada.

Pobre Lázaro, exemplo de humildade;
João Grilo, exemplo de astúcia;

ambos nos ensinam a viver,
mas Lázaro, com a verdade, nos guia,
e João Grilo, com a malícia, nos ensina.
Chicó, com a mentira, se deu bem;
disse que era um grande herói,
que matou um leão,
que salvou a cidade,
e que era um santo.
Lázaro, com a cruz, se salvou;
João Grilo, com a compadecida, se redimiu;
ambos sofreram por seus pecados,
mas Lázaro, com fé, se salvou,
e João Grilo, com a compadecida, se alegrou.
O Cabo Sete, com a autoridade, se impôs,
e o Padre João, com a sabedoria, o aconselhou;
mas João Grilo, com a astúcia, os enganou,
e Chicó, com a mentira, se salvou,
e a confusão foi grande.
Pobre Lázaro, no céu, com a Virgem;
João Grilo, no purgatório, com a compadecida;
ambos felizes no além,
mas Lázaro, com a glória, se contentou,
e João Grilo, com a liberdade, se alegrou.

Por que desses sonhos?

No reino do sonho, sombras dançam,
Pessoas esquecidas, beijos surpresa, um mistério que me persegue.
Por que desse sonho, afinal? Um enigma que me faz questionar,
Um labirinto profundo, onde sombras dançam, sem forma.
O inconsciente é um território desconhecido,
Onde os sonhos brotam sem controle, sem aviso.
Mas eu nele, consciente, não me rendo,
Nem desejo tenho, sem interesse.
A noite é um véu que esconde, e o sonho, um ladrão que rouba meu sono,
Meu coração, minha paz, hora do descanso.
O beijo surpresa é um desvio de atenção,
Um truque do inconsciente, um jogo que mesmo no sonho, não me jogo!
O melhor desses sonhos é que eu não tive interesse. Sou o guardião do meu coração.
Não me deixarei definir pelo sonho, não me deixarei levar.
A tentação sutil é um sussurro ao ouvido,
Um convite para o desconhecido, mas eu, firme, não me viro.
E assim, eu sigo em frente, sem medo, sem dúvida, sem hesitação,
Mesmo sendo o dono do meu sonho, eu sou livre, eu sou forte para confrontar e dizer não as situações indesejáveis.
Neste caso, o sonho é um reflexo de situações coletivas de outras pessoas, mas estou no sonho, ele é meu, mesmo não querendo tê-lo!
Continuo, consciente no sonho, mas sugere a pergunta, por que desse sonho sem fundamento? Sem intenção? Sem conexão com a realidade? Por que persistir com a tentação sem fundamento?

Um Português que nos pariu

Não sei, só sei que foi assim,
O português que nos pariu,
Com a língua de Camões,
E o coração de um povo,
E a alma de um Brasil.
A língua é um rio,
Que flui com o tempo,
Leva consigo as palavras,
E os significados que mudam,
E a história que se escreve.
O português é um idioma,
Que nos une e nos divide,
Com suas gírias e expressões,
E seus segredos que só,
Os brasileiros entendem.
A cultura é um mosaico,
Que se forma com o tempo,
Com pedaços de África,
E Europa e América,
E um pouco de tudo.
Não sei, só sei que foi assim.
Um Brasil que me pariu,
Com a força de um povo,
E a beleza de um país,
E a alma de um coração.
A história é um labirinto,
Que se desenrola no tempo,
Com seus heróis e vilões,
E seus momentos de glória,
E de luta e de dor.
O Manual de Sobrevivência,
De Ângela Dutra de Menezes,
É um convite a descobrir,

A história do português,
E do Brasil, um país.
A língua é um instrumento,
Que nos permite sonhar,
Com um mundo melhor,
E uma vida mais justa,
E um Brasil mais feliz.
Não sei, só sei que foi assim,
O português que nos pariu,
Com a língua de Camões,
E o coração de um povo,
E a alma de um Brasil.
A cultura é um tesouro,
Que se guarda com carinho,
E se compartilha com o mundo,
E se enriquece com o tempo,
E se torna uma herança.
E assim, eu termino este poema,
Com a certeza de que,
A vida é um mistério,
E que não sabemos nada,
E que tudo é um "Não sei, só sei que foi assim".

Navio Negreiro

O mar é um túmulo fundo,
Onde a dor se faz mais forte.
Navio Negreiro, inferno flutuante,
Onde a vida é mercadoria.
Homens, mulheres, crianças vão,
Apertados, sem ar, sem luz;
Sofrendo, chorando, sem fim,
A morte é o único destino.
O capitão é um monstro cruel,
Comanda com mão de ferro;
Escravos são objetos, não seres,
Sem valor, sem alma, sem dor.
Mas a história não se cala, não;
A luta pela liberdade é forte.
Navio Negreiro, símbolo de dor,
Lembrete da crueldade sem fim.
Hoje o silêncio é quebrado,
Já a memória é um legado.
Navio Negreiro, um alerta,
Para que a história não se repita mais.

Ação da Palavra

Ação da Palavra

Palavras se unem, como fios de seda
Tecendo a trama, da minha criação
Metáforas dançam, como folhas ao vento
Construindo o poema, com emoção
A linguagem é o rio, que flui e se derrama
Lavras que se entrelaçam, como cipós na mata
Imagens se formam, como nuvens no céu
Criando o cenário, para a minha voz
Ritmo e métrica, como batidas do coração
Pulsam a vida, na minha canção
As palavras são pincéis, que pintam o quadro
Criando a beleza, do meu olhar
A poesia é a alma, que se expressa
Voz que se faz ouvir, no silêncio
A palavra é ação, que transforma e cria
Mudando o mundo, com sua melodia
Nesse poema, a metalinguagem se revela
Como um espelho, que reflete a própria alma
A ação da palavra, é a criação em si
Um ato de amor, que se faz poesia.

Canto das Almas

Canto das Almas

Na serra do Labari alta,

Silêncio se estende profundo;

Canto das Almas ecoa lento,

Sons nos galhos, vento suspira.

Movimentos de sombra e luz,

Lua reflete, alma se abre;

Dor das almas se faz sentir,

Saudade de outrora lateja.

No alto da serra, o vento geme,

Canto das Almas se repete;

Chamado à reflexão profunda,

Memória da alma se desperta.

Almas que vagam, sombras são,

Buscando paz, amor e lar;

Canto das Almas é lamento,

Eco de vidas que se vão.

Vento que geme, árvores que choram,

Sons da noite, segredos contam;

Almas que sofrem, almas que amam,

Canto das Almas é o seu clamor.

Poetas Goianos

No cerrado, onde o sol é fogo

(Cora Coralina)

Nasce a poesia, que é vida e sonho

(Bernardo Élis)

Com versos que dançam, como folhas ao vento

(Gilberto Mendonça Teles)

E palavras que pintam, como cores no ar

(José Godoy Garcia)

A imaginação é o rio, que flui e se derrama

(Darcy França Denófrio)

E a emoção é o mar, que nos envolve e nos leva

(Yêda Schmaltz)

No silêncio, a palavra se faz ouvir

(Lêda Selma)

E a poesia se ergue, como uma flor no deserto

(Hugo de Carvalho Ramos)

Que poema é esse, que une vozes e sonhos?

(José J. Veiga)

É a literatura goiana, que se faz presente

E nos faz sonhar, com um mundo mais belo e mais justo.

Conto: A Noite de Sexta-feira da Paixão

A Noite de Sexta-feira da Paixão

Era sexta-feira da Paixão, 17 horas. O sr. Biba estava com os lábios na carne viva, resultado de uma briga na feira de Matrinchã. Ele pediu ao seu irmão Rapa que fosse buscar folhas de bidalo, uma planta conhecida por suas propriedades cicatrizantes. Rapa pegou um facão e partiu em direção à saída da cidade, rumo à Santa Rita.

Logo na saída de Matrinchã, havia um morrinho com pedras e arbustos do Cerrado. De longe, Rapa avistou um pé de bidalo e resolveu passar debaixo do arame para cortar a planta. Porém, mais adiante, ele viu outro pé mais bonito e verdinho, e decidiu cortar esse em vez do primeiro.

Ao se aproximar do pé de bidalo, Rapa sentiu um vento frio e estranho. Ele continuou com o facão e cortou a planta. Quando a colocou no ombro, sentiu alguém puxando e soltando. Ele resolveu arrastar a planta até passar debaixo da cerca, mas o vento soprava mais forte e estranho. O sol já estava se pondo, e a escuridão começava a cair.

Assim que Rapa passou debaixo da cerca, sentiu um barulho estranho e um puxão. Ele xingou e disse: "Não tenho medo de você e nem acredito que exista!" e continuou carregando o bidalo nas costas. De repente, uma mão fria bateu por trás dos seus joelhos e ele caiu ajoelhado ao chão. Levantou rapidamente e correu até chegar em casa.

Rapa estava pálido e tremendo. Ele teve diarreia e febre. A noite foi longa e assustadora. A coberta era puxada e a cama balançava. O garoto saiu da cama e foi deitar em um colchão novo que o outro irmão havia comprado. Ele deitou no colchão no chão, mas não adiantou. O colchão começou a ser arrastado na sala.

O pai do garoto, ouvindo o barulho, perguntou: "Que barulho é esse?" Rapa respondeu: "É alguém está arrastando o meu colchão comigo em cima!" O pai ficou assustado e não sabia o que fazer. A noite foi longa e aterrorizante para Rapa, que não conseguiu dormir.

A história de Rapa e o pé de bidalo se tornou uma lenda em Matrinchã. Muitos disseram que o garoto havia encontrado um "encosto" no mato, algo que o estava perseguindo desde então. Outros disseram que era o espírito da planta que estava se vingando por ter sido cortada.

Rapa nunca mais foi o mesmo depois daquela noite. Ele ficou com medo de sair sozinho no mato e começou a ter pesadelos frequentes. Seu pai, preocupado, o levou a um benzedor local, que fez um ritual para afastar o "encosto".

Mas a história não terminou aí. No ano seguinte, na mesma sexta-feira da Paixão, o irmão de Rapa, o sr. Biba, decidiu ir ao mato para cortar mais folhas de bidalo. Ele não acreditava na história do "encosto" e queria provar que era apenas uma superstição.

Biba foi ao mesmo lugar onde Rapa havia cortado o pé de bidalo e encontrou outro pé. Ele começou a cortar as folhas, mas logo sentiu um vento frio e estranho. De repente, ele ouviu uma voz sussurrando ao seu ouvido: "Não corte mais. Deixe as plantas em paz."

Biba se assustou e correu de volta para casa, deixando as folhas de bidalo para trás. Ele contou a história para Rapa e para o pai, que apenas balançaram a cabeça e disseram: "Nós avisamos."

A partir daquele dia, ninguém mais ousou cortar folhas de bidalo no mato. A história de Rapa e o pé de bidalo se tornou uma lenda, um lembrete de que alguns segredos é melhor deixar em paz.

Anos se passaram, e Rapa se tornou um homem. Ele nunca mais teve problemas com o "encosto", mas sempre respeitou o mato e as plantas. Ele se tornou um curandeiro, usando as plantas para

ajudar os outros.

Um dia, um jovem doente chegou à sua porta, pedindo ajuda. Rapa o levou ao mato e mostrou as plantas que poderiam curá-lo. Mas, ao chegar ao local, Rapa sentiu um arrepio na espinha. Ele se lembrou da noite em que cortou o pé de bidalo e do "encosto" que o perseguiu.

Rapa olhou para o jovem e disse: "Você não está doente. Você está sendo chamado." O jovem olhou para ele, confuso, e Rapa continuou: "O mato está chamando você. Você precisa aprender a respeitá-lo."

O jovem ficou em silêncio, e Rapa o levou a um local secreto no mato. Lá, ele ensinou ao jovem como se comunicar com as plantas e como respeitar o mato. O jovem aprendeu bem, e logo se tornou um curandeiro também.

A história de Rapa e o pé de bidalo se tornou uma lenda, um lembrete de que o mato é um lugar de poder e mistério, e que é preciso respeitá-lo para não sofrer as consequências.

Pregado na Cruz

Eis que lá na cruz tu estás,
Sem luz, sem calor, sem paz,
O peso da cruz, o peso do mal,
Teu corpo ferido, teu coração leal.
A dor e o sofrimento, a solidão,
A injustiça e a crueldade, a traição,
Mas ainda assim, tu não te calas,
Teu amor e tua misericórdia, não falas.
Eis que lá na cruz tu estás,
Um sacrifício, um amor sem igual,
Por nós, por mim, por todos,
Teu sangue derramado, teu amor revelado.
Oh, Senhor, que dor, que amor,
Que sacrifício, que glória,
Eis que lá na cruz tu estás,
E em ti, eu encontro a paz.

Cercas de Pedra

Cercas de Pedra
Goiás, cidade antiga e nobre
Cercas de pedra, história cobre
Mãos escravas, suor e dor
Pedras que contam, um passado de amor
Cercas se estendiam, pelo campo e estrada
Marcando limites, da terra conquistada
Escravos trabalhavam, sob sol e chuva
Construindo legado, de cidade que se ergueu
Hoje, cercas restam, testemunho mudo
Luta e sofrimento, de povo subjugado
Pedços de pedra, tempo não apagou
Lembram história, de passado que não se esqueceu
Pista dupla, cidade cortou em dois
Não apagou memória, dos que aqui sofreram
Cercas de pedra, símbolo de resistência
Lembrete da força, de alma que não se rendeu
Ainda hoje, cercas, se erguem como monumento
Àqueles que trabalharam, com suor e lamento
Legado de pedra, história não pode apagar
Testemunho da luta, de povo que quer ser livre.

Fogareu em Goiás

Fogareu, luz que arde,
No coração de Goiás,
Fogo que queima e canta,
A fé que se manifesta,
Cores que dançam no ar.
Noite de amor e devoção,
Festa que ilumina o céu,
Fogos que explodem em cores,
A alegria se espalha em vão,
A cidade se ilumina em flor.
Fogareu, chama que arde,
No peito do goiano fiel,
Fogo que queima e purifica,
A alma que se entrega ao céu,
E se renova em amor.
A noite se ilumina em luz,
O fogareu é uma oração,
Fogo que queima e consome,
A paixão que se manifesta,
Em cores que dançam no ar.
Fogareu, festa de amor,
No coração de Goiás,
Fogo que queima e canta,
A fé que se manifesta,
Em cores que iluminam o céu.

Caminho

É preciso colocar-se no caminho,
Que é Jesus, a luz que ilumina,
Deixar o medo e a dúvida atrás,
E seguir em frente, sem hesitar,
Com o coração aberto e a alma em paz.
É preciso largar as amarras,
E soltar as velas ao vento da fé,
E navegar pelo desconhecido,
Com a confiança de que Ele está presente,
E guia pelo caminho certo.
É preciso se perder para se encontrar,
E se encontrar para se transformar,
E se transformar para se realizar,
E se realizar para ser em Cristo.
O caminho é estreito, mas é seguro,
E quem o segue, encontra a vida eterna,
É preciso se entregar ao Seu amor,
E deixar que Ele leve,
E se deixar levar pela Sua corrente,
Para chegar ao Seu reino, onde a paz é plena.

Mar da vida

As águas do mar da vida,
São profundas e misteriosas,
Ondas de emoções, correntes de paixão,
Que me levam e me trazem, sem direção.
Às vezes calmas e serenas,
Refletindo o céu, em paz,
Outras vezes, tempestuosas e bravas,
Agitando o coração, em desespero.
Mas é no mar da vida,
Que eu aprendo a navegar,
Com as ondas, eu me adapto,
E encontro o caminho, sem me afogar.
As águas do mar da vida,
São salgadas, como as lágrimas,
Mas também são doces, como o amor,
E me ensinam a viver, com fervor.
E quando o sol se põe,
E as ondas se acalmam,
Eu encontro a paz, no mar da vida,
E me sinto vivo, em harmonia.

Tibieza

Tibieza, estado de alma,
Entre o fogo e o gelo, um limbo,
Onde a paixão se esvai, e a indiferença se instala,
Um vazio que consome, sem saciar.
É o crepúsculo da vontade,
O entorpecimento da alma, que se rende,
Às correntes da mediocridade, que a prendem,
E a impedem de voar, em liberdade.
A tibieza é a morte lenta,
Do espírito que se apaga, sem luta,
É o silêncio que precede, a grande queda,
A renúncia ao sonho, a abdicação da vida.
Mas é também, um chamado,
À reflexão, ao exame de consciência,
Um convite à busca, da chama que arde,
E ao resgate da paixão, que nos faz viver.
Pois é na tibieza, que se encontra,
A oportunidade de renascimento,
De reacender a chama, que se apagou,
E de encontrar o caminho, que leva à vida.

Hipérbole do amor

Hipérbole do amor, chama ardente
Que transborda o coração e inunda a vida,
O amor que não cabe em palavras
Os gestos são insuficientes, alma perdida
Dois corações, duas almas, um só ser
Unidos pelo amor, sem fronteiras
Chama que arde sem se consumir
Sede que não se sacia, desejo de unir
Hipérbole do amor, figura extrema
Expressa o inexpressável, alma plena
Entregar-se sem reservas, sem medo
Perder-se no outro, amor sem fim
Amor que não conhece barreiras
Não se limita por espaço ou tempo
Força que impulsiona a alma a voar
Fazer do amor o único destino
Hipérbole do amor, sagrado excesso
Leva a sonhar com o impossível
Crê no eterno, no amor divino,
Hipérbole que é a própria verdade

Reação da Terra

A terra está com febre, um calor abrasivo
Queima o solo, seca os rios, um sinal nocivo
Vírus malignos a assolam, a destroem sem piedade
Buscam sugar a vida, deixar apenas cinzas e saudade

A terra se contorce, em convulsões de dor
Gritos de socorro, um clamor de amor
O fogo arde, as chamas se elevam
Um alerta vermelho, um sinal de alerta, um chamado à ação

A terra está com febre, um delírio mortal
Vírus assassinos, um ataque sem igual
Mas a terra resiste, se rebela e se ergue
Um grito de vida, um chamado à luta, um apelo à ação

A terra está com febre, mas não vai morrer
Vai se erguer, se renovar, e a vida vai florescer
O vírus será vencido, a terra vai se curar
E a vida vai continuar, em um novo ciclo, em um novo ar ?

Paradigma da antítese

O homem sempre perde, mesmo quando ganha
A vitória é ilusão, a derrota é certa
Ganha o troféu, mas perde a alma
E o vazio interior, é a maior perda
Ganha o poder, mas perde a liberdade
Ganha a riqueza, mas perde a felicidade
Ganha o amor, mas perde a si mesmo
E o que resta, é apenas um vazio intenso
O homem sempre perde, mesmo quando ganha
A vida é um jogo, onde ninguém sai vencedor
Ganha-se um pouco, perde-se muito
E o que fica, é a lembrança do que se perdeu
Ganha o mundo, mas perde a essência
Ganha o sucesso, mas perde a consciência
O homem sempre perde, mesmo quando ganha
E a verdadeira vitória, é perder a ilusão.

A representação do real

Não é o real que existe, mas o que vemos
Mundo moldado pelo olhar, sombra e reflexo
A pedra só é pedra se o nome damos
E o rio só corre quando o verso o inventa
Real não é matéria, é representação
Tecido que a mente borda, linha por linha
O céu não é azul sem a pupila aberta
E a dor só é dor quando a alma a traduz
O que chamamos de verdade, é moldura
Quadro pintado com as tintas do desejo
Cada homem ergue o mundo que concebe
E nele habita, só, prisioneiro e rei
Assim, o real se curva à percepção
Não há objeto sem sujeito que o sonha
Existir é ser visto, e ser visto é criar
Mundo é espelho do olho que o decifra

Mulher

Mulher, és jardim suspenso
Entre as mais belas das flores
Fonte de geração, de amor
Gratidão das entranhas, primores
És vida que arrisca a vida
Gerando vida para o mundo florir
Trazes no ventre o universo
E no peito, o pulsar do porvir
Mulher, és o perfume raro
Que dá sentido ao existir
És raiz, caule, pétala e espinho
És força que aprende a parir
Carregas o tempo nos olhos
E a eternidade em teu gerar
És verso primeiro do homem
És casa onde o amor vai morar
Sem ti, o chão seria estéril
Sem ti, o mundo não tem cor
Mulher, és mãe do verbo que se fez carne
És a própria grafia do amor

Paradigma da reflexão

O som da minha reflexão
Quebra o silêncio da mente
Um eco suave, um sussurro profundo
Que me faz pensar, me faz sentir

É um som que não se ouve
Mas que ressoa no coração
Um som que me faz questionar
O que sou, o que quero ser

O silêncio é quebrado
Pelo som da minha reflexão
E nesse momento, eu me encontro
E descubro o que é real

O som da minha reflexão
É um guia, um conselho
Que me ajuda a encontrar
O caminho que eu devo seguir

Nesse silêncio, eu me ouço
E ouço a voz da minha alma
E nesse som, eu me encontro
E encontro a paz que eu procurava.

Conto: O alcoolismo de uma Freira

O café na segunda-feira de manhã sempre tinha um gosto mais amargo para a Freira. Ela olhava para a tela do computador, mas os olhos não focavam. O silêncio do escritório era interrompido apenas pelo som rítmico do teclado do Padre, seu melhor amigo e colega de bancada.

O Padre, que conhecia bem a Freira desde os tempos de faculdade, percebeu o padrão. O ombro caído, o suspiro pesado a cada cinco minutos e aquela expressão de quem carregava o mundo nas costas.

? Madre? ? Padre chamou baixo, girando a cadeira. ? Por que você está tão aborrecida hoje? Se for aquele relatório do financeiro, eu te ajudo.

Madre finalmente desviou o olhar do monitor. Seus olhos estavam levemente avermelhados, e o sorriso, que costumava aparecer fácil nas sextas, estava desaparecido.

? Não é o relatório, Padre. É assim toda segunda-feira, não percebeu?

Padre franziu o cenho, genuinamente preocupado.

? Mas o que acontece? Alguém te chateou no final de semana?

Madre soltou um riso seco, sem alegria, e balançou a cabeça negativamente.

? Esse é o ponto. Eu bebo na sexta para celebrar, continuo no sábado para não perder o ritmo e, no domingo à noite, quando o vazio da segunda-feira começa a bater, eu continuo bebendo para não sentir a ansiedade chegar.

Ela fez uma pausa, olhando para as próprias mãos.

? O resultado é esse que você está vendo. Meu corpo está aqui, mas minha mente está num buraco. Eu me sinto triste, irritada e sem energia. O problema não é o trabalho, não é o relatório e, definitivamente, não é você, amigo. O problema sou eu. Sou eu que não estou sabendo parar.

Padre ouviu em silêncio. Ele não deu um sermão, nem tentou minimizar a dor dela. Apenas estendeu a mão e tocou o ombro da amiga.

? Reconhecer isso já é o primeiro passo para a próxima segunda ser diferente, Madre. Que tal se no próximo domingo a gente trocar a garrafa por uma caminhada no parque? Eu busco você.

A Madre olhou para ele e, pela primeira vez naquele dia, um esboço de sorriso surgiu. O peso continuava ali, mas agora parecia um pouco mais leve para carregar. Muito obrigado, Padre, serei eternamente grata!

Dominação e Burocracia

Dominação e Burocracia

A República é o tabuleiro racional-legal:

sessenta e quatro casas normatizadas,
onde cada peça age por competência, não por carisma.

O Rei é a dominação tradicional esvaziada ?
símbolo, não substância, cercado por limites constitucionais.

A Dama é a burocracia que se emancipou do fim,
move-se em todas as direções porque domina o procedimento.

Seu poder não é a espada, é o carimbo,
é a portaria que dobra a diagonal do processo.

Cavalos são o patrimonialismo que salta o organograma,
o "jeitinho" que cavalga por cima da impessoalidade.

Torres: ministérios, autarquias, a jaula de ferro que protege
e aprisiona. Bispos: ideologia secularizada,
a ética protestante convertida em parecer técnico.

Os Peões encarnam a desilusão do desencantamento:
avançam crendo na promoção meritocrática,
mas descobrem que a oitava fileira é reserva de mercado.

O xeque-mate nunca vem ? só o empate por afogamento
no Diário Oficial.

Nudez do destino

A Redução à Carne do Inelutável

O Destino, posto em epoché,

suspende o manto da causalidade natural e doa-se como fenômeno puro:

nudez eidética, sem os adornos da atitude ingênua. Não é fatum teológico, é Ereignis, o acontecimento que me apropria antes que eu o constitua. Sua nudez é o "sempre já" do ser-no-mundo:

desvelamento alétheia que retira o véu só para revelar que não havia nada por baixo senão o próprio ato de desvelar. Estou lançado Geworfenheit em sua pele, e toda veste que teço projeto, cálculo, biografia é resposta ao seu chamado mudo. Aqui, liberdade é o modo como existo a nudez que me precede: cuidar do desvelado,

habitar a clareira sem tentar cobri-la. O Real Desamparado de Significante O Destino comparece nu porque o Simbólico falhou: não há significante que o recubra sem resto. É o Real em sua obscenidade estrutural, o trauma que retorna por não se inscrever,

a tuché que fura a rede da automaton. Tentamos vesti-lo com o Nome do Pai,

com o mito individual do neurótico,

com a fantasia que diz: "era pra ser".

Mas sua nudez é o gozo não significantizável que denuncia a impostura de todo sentido. O sujeito, dividido, encontra-se aí no ponto em que o véu rasga: entre o eu que narra e o isso que acontece. Assumir a nudez do Destino é atravessar a fantasia,

suportar que não há Outro do Outro,

que o roteiro estava em branco

e nós o preenchemos de sintoma. O Grau Zero do Enredo. O Destino é o texto antes da escritura: grau zero, página sem retórica, neutro que precede o estilo.

Sua nudez é a ausência de autor,

o desastre blanchotiano que já sempre aconteceu e por isso não pode ser narrado, só bordejado. Todo romance que escrevemos sobre ele é suplemento derridiano: acrescenta para cobrir uma falta que ele mesmo inventa. A morte do autor é o parto do Destino: sem deus, sem pai, o texto age sozinho, e nós, leitores-escritores, somos efeitos de sua nudez, não causas. O ponto final é uma mentira piedosa. O Destino continua, nu, no branco entre os capítulos, na entrelinha que nenhum grifo alcança, como literatura que se recusa a ser literatura.

Conto: O despacho.

Conto: O despacho.

De primeiro, em Matrinchã, todo mundo conhecia os compadre. Albelírio ? mas ninguém chamava assim, só Belmiro pra encurtar a prosa ? e Mariano. Os dois eram que nem unha e carne. De dia na roça, de tarde na beira do Rio Vermelho, de vara na mão, contando lorota de lambari que parecia dourado.

Numa dessas sextas de lua grande, ficaram no rio até perder a hora. Quando viram, já era madrugada fechada, daquela que até o coruja dorme. Montaram nas bicicletas, cada um com sua vara atravessada no quadro, e vieram cortando o estradão de terra, rumo às casas.

O atalho passava rente ao cemitério velho, aquele desativado lá depois da ponte, saída da cidade e entrada para Agrovila. Capim alto, sem muro. Dizia o povo antigo que assombração morava lá, mas Albelírio e Mariano tinham mais medo era de mulher brava esperando em casa do que de defunto.

Naquela noite o sereno tava branco. Quando passaram no pé de árvore Albelírio freiou de repente.

? Épa, compadre, repara.

Mariano encostou.

Debaixo dum pé de jatobá, bem na entrada do campo santo, tinha um despacho arrumado: três velas acesas, uma garrafa de pinga da boa ainda lacrada, um monte de farofa amarela e uma galinha assada, inteirinha, cheirosa que só.

Os dois se olharam. A fome da pescaria apertava e a goela tava seca.

? É de quem, será? ? Mariano cochichou, já com o olho na galinha.

? Uai, de quem achou primeiro ? respondeu Albelírio, que de bobo só tinha a cara. ? Defunto não come mais, compadre. E desperdício é pecado.

Não pensaram duas vezes. Encostaram as bicicletas em duas cruces maiores que tavam firmes, tiraram o chapéu em respeito ? porque mal educado eles não eram ? e sentaram. Mas não tinha banco. Então sentaram foi no piso de cimento de uma das covas antigas, que tava lisinho, bom de assentar.

Mariano destampou a pinga. Derramou um pouco da pinga e disse: essa é para o santo. E deu início dos goles, um gole pra ele, um gole pro Albelírio, um pra tu, um pra eu, um pra eu e um pra tu... A farofa tava temperada, daquela que desmancha na boca. A galinha, então, saiu no osso. Primeiro a coxa, depois a sobrecoxa, o peito, até a sambiquira. Quando viram, só tinha um montinho de osso limpo e as velas quase no fim.

Beberam toda pinga. Comeram quase toda farofa. A barriga ficou forrada e a coragem voltou.

Aí Albelírio limpou a boca na manga da camisa, suspirou fundo e reclamou:

? Arre, compadre. Tava tudo bão demais. Só faltou um cigarrinho de palha pra fechar a boquinha. Aí é que era o paraíso.

Mariano deu uma gargalhada que ecoou no cemitério inteiro. Juntou os ossos da galinha num montinho, ajeitou do lado das velas, como quem agradece o dono da festa.

? Deixa, Belmiro. Pra próxima a gente traz o fumo e fica quite.

Na outra sexta, não deu outra. Assim que o sol caiu, Albelírio passou na venda do Seu Ze Goiano e comprou um maço de palheiro.

? Pra pagar o que é devido, compadre ? disse pra Mariano, piscando o olho.

Foram pro Rio Vermelho de novo. Dessa vez o peixe tava manhoso, não saiu nem piranha. Meia-noite e nada. Pegaram as bicicletas e voltaram pelo mesmo atalho.

Quando chegaram no cemitério, o jatobá tava lá. Mas debaixo dele, nada. Nem vela, nem garrafa, nem farofa. Só o capim e o silêncio.

Albelírio coçou a cabeça.

? Uai. Será que o dono do despacho tá chateado que a gente comeu tudo?

Mariano, que era mais matreiro, apontou pro chão. No mesmo piso de cova onde tinham sentado, tinha um palheiro aceso, soltando fumacinha, equilibrado numa pedrinha. Do lado, um toquinho de vela queimando.

Os dois arriaram da bicicleta na hora. Não falaram nada. Albelírio pegou o palheiro, deu duas tragadas fortes, e devolveu pro lugar. A fumaça subiu reta, sem vento.

? Tá pago, então? ? Mariano perguntou pro escuro.

Ninguém respondeu. Só o vento no jatobá fez um barulho que parecia um "hum" de quem concorda.

Desde aquele dia, Albelírio e Mariano nunca mais passaram no cemitério velho sem deixar um palheiro aceso no pé da árvore. E dizem que, nas sextas de lua grande, quem passa tarde da noite ainda vê duas bicicletas encostadas nas cruces, e dois vultos rindo, comendo galinha que não é deles.

Conto: O Silêncio da Fanfarra

Conto: O Silêncio da Fanfarra

Era uma vez um menino das chácaras de Matrinchã. Ele estudava no Colégio Estadual Arthur da Costa e Silva e tinha um sonho simples, mas que batia forte no peito: tocar na fanfarra no desfile de 7 de setembro.

Quando saiu o aviso da inscrição, ele foi o primeiro da fila. Esperou o Seu Barbaré chegar com a lista na mão e escreveu o nome com a letra caprichada: *__presente__*. Naquela noite mal dormiu, imaginando o peso do surdo na barriga, o barulho bonito descendo a avenida.

No dia do primeiro ensaio, chegou cedo. O pátio ainda tava vazio, só o sereno no chão. Aos poucos os meninos foram chegando, em bando, fazendo zoeira. Quando o maestro liberou os instrumentos, foi uma correria. Quem pegou, pegou.

Ele ficou parado, esperando chamarem pelo nome. Afinal, tinha sido o primeiro a se inscrever. Tinha chegado primeiro. Na cabeça dele, era regra, era justo.

Mas não chamaram.

? Não tem mais surdo, menino. Fica pra próxima ? disse o maestro, já ocupado com outro.

Ele olhou em volta. Tinha menino com dois pratos, outro segurando a caixa que nem tinha se inscrito. Uns que falaram "ah, vou só ver qual é" e saíram com o instrumento na mão.

Criou coragem e foi falar:

? Professor, eu fui o primeiro a fazer a inscrição. Cheguei primeiro hoje também. Não é justo.

O maestro passou a mão no rosto, cansado.

? Acalma, filho. Ano que vem você toca. Hoje já tá tudo distribuído.

Ele engoliu seco. Guardou a vontade e disse:

? Tá bom. Mas ano que vem eu quero tocar. Não deixa acontecer de novo, não.

E esperou. Um ano inteiro. Contou os dias no calendário da cozinha. Treinou batucando na lata de tinta, no cabo da enxada. Chegou setembro de novo, fez a inscrição de novo, primeiro da fila de novo.

No dia do ensaio, chegou antes do sol. E a história se repetiu igualzinho: correria, grito, menino pegando instrumento sem nome na lista. Quando acabou, ele tava lá, de mão vazia.

Dessa vez não falou nada. Só sentiu o peito ficar pequeno.

Foi aí que começou a perceber o resto. No recreio, os apelidos: "pé de poeira", "chacareiro", "filho do barro". Na hora do futebol, a bola não vinha. Se vinha, alguém gritava "sai, que cê nem sabe". Nos trabalhos de grupo, sobrava por último. Os professores? Uns nem olhavam no olho. Outros só chamavam quando era pra buscar o apagador.

Ele entendeu que não era só a fanfarra. Era ele. Era de onde vinha, era o jeito de falar puxado, a roupa desbotada do trabalho na roça. Era como se tivesse uma placa invisível nele escrito "não é daqui".

Passou a ir pra escola calado. Assistia ao ensaio da fanfarra de longe, encostado no pilar. Decorou o ritmo de cada peça, só de ouvir. Batucava com o dedo na perna, no ritmo certo, sem errar uma.

No 7 de setembro, viu os colegas passando na avenida, fardados, batendo com força. Teve gente

que bateu palma. Ele bateu também, mas a mão não fez barulho. O peito sim. Doeu.

Naquela noite, deitado na rede, olhando o telhado, ele pensou: "Se eu não sirvo nem pra bater tambor, sirvo pra quê?"

A diferença foi que, em vez de deixar o silêncio vencer, ele resolveu fazer barulho do jeito dele. Juntou umas latas, esticou um plástico de ração no lugar do couro, amarrou com câmara de pneu. Fez baqueta com cabo de vassoura. E começou a tocar.

Tocava no terreiro, depois da lida. Tocava pra galinha, pro cachorro, pros pés de manga. O ritmo era o mesmo da fanfarra, só que mais solto, mais dele. Um dia o Seu Barbaré passou na estrada, ouviu o batuque e parou a bicicleta.

? Quem tá tocando aí, sô?

Ele apareceu, meio sem jeito.

? Sou eu.

Seu Barbaré entrou, sentou no toco e escutou. Quando o menino acabou, o velho coçou a cabeça.

? Menino, cê leva jeito. Por que não tá na fanfarra do colégio?

Ele deu de ombros.

? Lá não tem vaga pra mim, Seu Barbaré.

O velho ficou quieto um tempo. Depois disse:

? Então vamo fazer uma fanfarra que tenha. Aqui na chácara mesmo.

E fizeram. Juntou mais três meninos que também ficavam de fora, umas meninas que queriam aprender. Seu Barbaré ensinou o que sabia, e o menino ensinou o que tinha inventado. No outro 7 de setembro, não desfilaram na avenida principal. Desfilaram na rua de terra, na frente da capela, pra comunidade das chácaras.

O povo saiu na porta pra ver. Bateram palma de verdade. E o menino, com o surdo de lata no peito, batucou tão forte que espantou todo apelido, todo recreio sozinho, todo "não é daqui".

Ele aprendeu que, às vezes, a porta que a gente tanto espera abrir não abre. Mas isso não quer dizer que a música acabou. Quer dizer que a gente tem que construir o palco onde cabe a nossa batida.

E naquela fanfarra da chácara, ele era o primeiro da fila. E ninguém tomava o lugar dele.

Conto: O cisne, o juramento e a sombra na casa.

Conto: O cisne, o juramento e a sombra na casa.

Tudo começou quando Zeus viu Leda se banhando no rio Eurotas, e então ele falou baixinho para si mesmo:

? "Preciso chegar perto dela, mas ela vai fugir se eu aparecer como deus."

Por isso, ele virou um cisne branco, fingiu que fugia de uma águia e caiu no colo de Leda. Ela segurou o animal com cuidado e disse:

? "Calma, bichinho. Ninguém vai te machucar aqui."

Naquela mesma noite, Leda também deitou com o marido Tíndaro. Meses depois, ela botou dois ovos, e quando os ovos abriram, Tíndaro olhou assustado e falou:

? "Minha mulher botou ovo? Que deuses estão brincando com a gente?"

Dos ovos nasceram Helena e Pólux, filhos de Zeus, e também Clitemnestra e Castor, filhos de Tíndaro.

Anos depois, Helena cresceu e ficou conhecida como a mais bonita do mundo, e por isso vieram reis de toda a Grécia pedir a mão dela. Tíndaro ficou preocupado e disse para Ulisses:

? "Se eu escolher um, os outros vão fazer guerra aqui em Esparta. O que eu faço?"

Ulisses coçou a barba e respondeu:

? "Faz todo mundo jurar antes. Quem não casar com ela tem que ajudar o escolhido se alguém mexer com o casamento. Assim ninguém briga agora."

Então todos os reis colocaram a mão num pedaço de cavalo sacrificado e juraram juntos:

? "Se alguém roubar a esposa do escolhido, nós vamos pra guerra ajudar ele."

Só depois disso Tíndaro escolheu Menelau, e falou:

? "Você vai casar com minha filha e vai ser rei depois de mim."

No entanto, a casa de Menelau já tinha uma sombra antiga, porque o pai dele, Atreu, carregava a maldição do bisavô Tântalo. E antes, Atreu e o irmão Tiestes brigaram feio pelo trono, e Atreu, com raiva, serviu os filhos de Tiestes num banquete. Quando Tiestes descobriu, gritou:

? "Você me fez comer meus filhos! Então eu te amaldiçoo: que os filhos de Atreu se matem uns aos outros!"

Muito tempo depois, Paris foi até Esparta e Menelau recebeu ele bem, mas quando Menelau viajou para Creta, Paris fugiu com Helena. Quando Menelau voltou e viu a casa vazia, chamou o irmão Agamenon e disse:

? "Ela foi embora com o troiano. Eu quero cobrar a jura de Tíndaro."

Agamenon respondeu:

? "Então vamos chamar todos os reis. Ninguém pode dizer não, porque todo mundo jurou."

E assim começou a guerra que durou dez anos. Durante a guerra, Agamenon precisou de vento para os navios e o adivinho falou:

? "Só se você sacrificar sua filha Ifigênia, os deuses vão mandar vento."

Agamenon chorou, mas fez. Quando voltou vitorioso, a esposa Clitemnestra esperou ele no banho e falou frio:

? "Entra na banheira, meu marido. Você está cansado da guerra."

E ali mesmo matou ele, para vingar a filha.

Anos depois, o filho Orestes cresceu e o deus Apolo disse para ele:

? "Você tem que vingar seu pai. Tem que matar sua mãe."

Orestes obedeceu, mas depois ficou louco, e as Fúrias gritavam no ouvido dele:

? "Assassino! Matou a própria mãe!"

Ele correu até o templo de Atena em Atenas e pediu:

? "Deusa, me julga. Eu não aguento mais essa loucura."

Atena juntou o povo, fez o primeiro tribunal, e quando deu empate, ela falou:

? "Eu voto por inocentar ele. A vingança acaba aqui. A justiça começa agora."

Orestes ficou livre, casou com Hermíone, filha de Helena e Menelau, e a maldição acabou.

Já Menelau e Helena ficaram oito anos perdidos no mar, até que voltaram para Esparta. Um dia, já velhos, Menelau olhou para Helena e disse:

? "A gente perdeu muita coisa, mas eu ainda escolho você."

E Helena respondeu baixinho:

? "E eu escolho ficar, mesmo com toda fama que ficou."

No fim, os deuses levaram os dois para os Campos Elísios, para viver em paz.

Conto: O Concílio do Olimpo: diálogo entre os deuses em Os Lusíadas

Conto: O Concílio do Olimpo: diálogo entre os deuses em Os Lusíadas

As nuvens se fecharam sobre o monte e o trono de Júpiter estalou como trovão. Os deuses chegaram um a um, já sabendo: era o dia de decidir a sorte dos portugueses.

Júpiter bateu o bastão no mármore e cortou o murmúrio.

? Calai-vos todos. Chamei-vos porque os fados falaram. Aqueles homens de ferro e lona hão de passar o Cabo, hão de entrar na Índia. Não sou eu quem ordena. Eu apenas leio. E digo: serão favorecidos.

Vênus deu um passo à frente, os olhos brilhando.

? Enfim, pai! Já não era sem tempo. Essa gente é carne da minha Roma. Têm a fúria nos olhos e o amor na língua. Eu os vi chorar por uma praia distante. Eu os vi rezar antes da batalha.

? Então os proteges? ? perguntou Júpiter, já sabendo a resposta.

? Com meu corpo e com meu mar ? respondeu ela. ? Mandarei minhas ninfas amansar as ondas. Onde houver recife, haverá braço de mulher para desviar a proa.

Baco jogou a taça longe. O vinho escorreu pelo degrau do trono.

? Isso é traição, Vênus! Traição a mim! O Oriente é meu há séculos. Lá sou deus, lá sou festa. Se esses cristãos puserem pé em Calicute, os meus altares viram pedra fria.

? E desde quando o mundo é teu, Baco? ? Vênus cruzou os braços.

? Desde que os homens descobriram que a vida é dura demais para ser vivida sóbria! ? gritou ele. ? Eu não entrego minhas vinhas sem luta.

Marte riu e bateu a lança no chão.

? Gosto de ti quando gritas, Baco. Mas escolhe melhor teus inimigos. Esses portugueses são meus também. Nunca vi povo que gostasse tanto de uma boa guerra.

? Então ficas contra mim, Marte? ? Baco cuspiu no chão.

? Fico com quem me diverte ? respondeu o deus, mostrando os dentes. ? E tu estás velho, Baco. Teu vinho já não embebeda herói.

Netuno se ergueu lento, a barba pingando sal.

? Chega de gritaria. O mar é meu, e ninguém me consultou. Essas naus cortam minha pele sem pedir licença.

? E que decides, Netuno? ? perguntou Júpiter, a sobancelha pesada.

? Decido que estou farto ? disse o deus do mar. ? Se é para escolher, fico com Baco. Que venha a tormenta. Que o Cabo lhes mostre os dentes. Quero ver se a cruz deles flutua.

Vênus avançou contra Netuno, o dedo quase no peito dele.

? Se afundares um só, eu te arranco as barbas de alga e faço rede pra pescar pérola!

? Experimenta, pomba ? rosnou Netuno. ? Te afogo junto com eles.

Júpiter se levantou. O Olimpo tremeu.

? Basta! Já decidi: os portugueses passarão. O Fado é maior que teu tridente, Netuno, e maior que tua taça, Baco. Mas não vos proíbo a guerra. Lutai. Sem vossa briga não há glória, e sem glória não há canto.

? Então é isso? ? Baco sorriu torto. ? Podemos tentar matá-los?

? Podeis ? disse Júpiter. ? E Vênus pode salvá-los. Que vença o melhor. Ou o mais teimoso.

Marte jogou a capa para trás e saiu andando.

? Já vou afiar a lança. Que comecem os jogos.

Vênus olhou para Baco antes de se retirar.

? Que comece, bêbado. Mas quando eles chegarem à Índia, eu mesma vou te servir o vinho da derrota.

? Veremos, cipriota ? respondeu Baco, enchendo outra taça. ? Veremos.

E o concílio se desfez em trovão. No mar, as velas de Gama enfunaram com um vento que não era só vento: era amor e ódio de deuses soprando na mesma vela.

Conto: “Diabo-Véio, Ouro e Cachaça” – Vila Boa

Conto: "Diabo-Véio, Ouro e Cachaça" ? Vila Boa

O sol de 1726 rachava o cascalho do Rio Vermelho. O arraial de Sant'Anna fedia a suor, pólvora e promessa. E no meio da praça, debaixo do pelourinho ainda novo, seu Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera Segundo, limpava o suor com a manga e conversava com o futuro.

? Seu Antônio, me diga uma coisa ? perguntou o alferes Silva, magro de fome e de juízo ? cadê o ouro que vossa mercê prometeu pra El-Rei e pra nós?

? Calma, alferes. Ouro tem hora. Igual mulher brava e juro de padre: aparece quando quer ? respondeu Anhanguera, cuspiendo longe. ? Mas o índio Goyá já entregou o caminho. Só falta cavar.

Da moita, Zé Caboclo, guia contratado a laço e susto, resmungou em tupi fino:

? _Anhanguera... diabo velho..._ Queima água pra assustar índio, mas não queima imposto não, né?

? Escutei, Zé ? o bandeirante riu, mostrando dente de ouro tirado de outro. ? E se eu queimo água, queimo você também. Agora anda. Me mostra onde esse cascalho brilha.

As guerras

Três luas depois, a bateia já cantava. Mas junto cantava flecha. Os Kayapó desceram a serra como chuva.

? Toca fogo, sargento! ? gritou Anhanguera, enquanto se escondia atrás de um toco. ? É ordem d'El-Rei!

? Ordem d'El-Rei é o senhor sair da moita, capitão! ? berrou o sargento, com uma flecha no chapéu e a coragem no gogó.

Morreu Kayapó, morreu paulista, morreu um mulato chamado Cosme que até hoje não sabe de que lado tava. O capelão Frei Gaspar correu no meio do tiroteio, erguendo a cruz:

? Meus filhos, parai! O quinto é de Deus!

? O quinto é d'El-Rei, frei ? corrigiu o guarda-mor, recolhendo pepita do chão enquanto se benzia. ? Deus que se entenda com Lisboa.

Os escravos

Quem tirava o ouro mesmo era João Mina. Negro nagô, comprado em Salvador por trezentos réis e uma mula manca. De dia bateia, de noite banzo. Um dia o feitor Chico Pitanga pegou ele mastigando.

? Abre a boca, peste! Tá comendo ouro, desgraçado?

João abriu. Mostrou a língua e um sorriso sem dois dentes:

? Tô comendo saudade, sinhô. Ouro quem come é vosmecê, e nem mastiga.

Feitor ficou vermelho, mas não achou pepita. Só achou verso. De raiva, mandou chibata. João apanhou calado. Naquela noite cagou no mato e achou três grãos de ouro na bosta. Enterrou, como quem planta. "Terra come tudo", pensou. "Um dia devolve".

As mortes e a cômica

Ouro acabou antes da cachaça. Em 1755 o arraial já era mais dívida que gente. O Capitão-Mor

Inácio mandou erguer pelourinho novo, pra "botar ordem". Na festa, bebeu, tropeçou no próprio pelourinho e quebrou o nariz.

? Valha-me Deus! ? gritou, sangrando.

Zé Caboclo passou do lado, carregando lenha, e filosofou:

? Diabo-Véio queima água, mas não amolece pedra, né capitão?

O arraial inteiro batizou: "Capitão Pelourinho". Até hoje.

Teve mais. João Mina juntou grão por grão, noite por noite, e comprou a alforria. Na semana seguinte, comprou a venda do antigo dono, seu Pitanga, que tinha bebido as terras.

? Ô Pitanga, me vê um gole da sua cachaça ? pediu João, agora de botina.

? Pra já, seu João ? respondeu o ex-feitor, servindo tremendo. ? Anota na conta?

? Anota não. Aqui negro paga à vista e branco deve. Inverteu, né? É a "invertida goiana" ? João riu, e o Cerrado riu junto.

O fim

Anhanguera morreu sem ver o quinto que sonhou. Enterraram com arcabuz do lado e dívida do outro. Diz que de madrugada ele aparece no Rio Vermelho, assombrando fiscal de imposto.

? Cadê meu ouro, El-Rei? ? pergunta o fantasma.

E o rio responde, batendo cascalho: ? Virou pequi, virou viola, virou gente, seu Diabo-Véio. Vai cavar noutro século.

E se você passar em Vila Boa, hoje Goiás Velho, numa noite quente, encosta o ouvido no chão. Vai escutar bateia, corrente, risada e um sussurro:

? Queima água que eu quero ver...

É o Brasil. Veio buscar ouro, achou história. Veio com chibata, ficou com samba. Veio com morte, ficou com reza. E de tanto morrer e rir, acabou parindo Goiás.

Viver o último dia em Deus para permanecer Nele.

Viver o último dia em Deus para permanecer Nele.

Se eu soubesse que hoje é o último dia,

Não correria.

Pararia o relógio com a sola do pé

E deixaria o sol demorar no batente da casa.

Tomaria o café sem pressa,

Sentindo o barro da caneca na mão,

Como quem segura a própria terra,

A terra que me fizeram esquecer.

Chamaria os meus pelo nome antigo,

Aquele que não cabe em documento,

Partiria o pão e diria:

"Come. Não é último, é primeiro."

Perdoaria a dívida que me devem

E rasgaria a que devo,

Porque nenhum banco leva ouro pro chão

E a terra boa não cobra juros de ninguém.

Se eu soubesse que hoje é o último dia,

Plantaria uma árvore que não verei crescer,

Só pra ensinar a sombra que fica

Que Deus mora no gesto, não no fim.

Não pediria mais tempo.

Pediria mais presença.

Pra olhar no olho do filho, da flor, do inimigo,

E ver o mesmo Rosto que me olha de volta.

E quando a noite chegasse,

Deitaria no chão sem medo,

Porque quem viveu o dia inteiro em Deus,

Já permanece Nele.

E permanecer é o único jeito de não morrer.

Conto: Eu me Merrendo do Araguaia

Conto: Eu me Merrendo do Araguaia

Era tempo de seca braba em Matrinchã, Goiás. O calor rachava o chão e a vontade de fugir da cidade era maior que a de trabalhar. Lá moravam dois primos que nem unha e carne: Tonzão e Preto.

Tonzão era daquele tamanho que assusta cachorro na rua. Braço grosso, voz de trovão, coragem de sobra e juízo de menos. Preto era o oposto: magrelo, quieto, sério. Nunca tinha posto um gole de cachaça na boca e se orgulhava disso. "Pra fazer besteira já basta o Tonzão da família", ele dizia.

Quando chegou setembro, os dois resolveram que precisavam de temporada.

? Vambora pra Aruanã, Preto ? Tonzão decidiu. ? Lá tem amigo, tem Araguaia e tem peixe dando sopa.

? E tem polícia também, Tonzão. Cê sabe que tarrafa é proibida, né?

? Uai, a gente vai só pra tirar o gosto da viagem. Uns piauzinho. Ninguém vai saber.

E assim começou o caso. Dois primos, uma bicicleta, uma tarrafa escondida na mochila e muito excesso de confiança.

? Tonzão, cê tá doido? Ir pra Aruanã de bicicleta nesse calor?

? Uai, Preto. Lá tem amigo, tem rio e tem peixe. E bicicleta não bebe gasolina.

E foram. Chegaram em Aruanã com a língua pra fora. Dormiram a tarde inteira na rede do compadre Zé da Ponte.

Acordaram quando o sol já tava caindo.

? Levanta, Preto. Vamo pegar uns piau pra nós tirar o gosto da viagem ? falou Tonzão, desenrolando a tarrafa.

? Tirar gosto? Eu nem bebo, Tonzão. Cê sabe.

? Então tira o gosto com farinha, uai. Mas eu vou querer uma dosezinha ? Tonzão riu, forte que só ele. ? Deixa a cachaça comigo.

Beira do Araguaia. Noite fechada. Só a lua e os muriçoca.

Tonzão jogou a tarrafa três vez. Na quarta veio seis piauzinho mixuruca, batendo no barranco.

? Eita desgrama ? Preto resmungou. ? Isso aqui nem dá um frito direito.

? Cala a boca e ajuda a guardar ? Tonzão respondeu, enfiando os peixe na sacola. ? Já é madrugada. Vamo voltar antes da mãe do Zé acordar e reclamar da bagunça.

Foi na hora que um fecho de lanterna cortou o mato.

? Corre, Preto! Corre que é o Ibama! ? Tonzão largou a sacola e disparou que nem capivara assustada.

Preto ficou. Olhou pro lado, olhou pro outro.

? Uai, correr por quê? Nós tá só...

? CORRE, PRETO! ? a voz do Tonzão já vinha de longe, abafada pelo mato.

Preto entendeu nada, mas quando primo grita, a perna obedece. Começou a correr também, tropeçando em raiz, batendo canela em toco.

? PARADO! PARADO AGORA SENÃO ATIRO! ? gritou uma voz grossa atrás dele.

Preto travou no meio do passo. Levantou as duas mãos pro céu, igual em filme de bang-bang, e ajoelhou na terra úmida. O coração saindo pela boca.

? Eu merendo! Eu merendo! ? gritou, sem ar.

Silêncio.

? Eu... eu me rendo! ? corrigiu, vermelho até a alma.

Tonzão, escondido atrás de uma árvore uns vinte metro na frente, escutou o "merendo" e não aguentou. Caiu na gargalhada.

? Kkkkkkkkkkk! Merendo! Esse Preto merenda até pro Ibama!

Os três fiscais do Ibama saíram do mato segurando o riso. Um deles tossiu pra disfarçar.

? Levanta, cidadão ? falou o mais velho. ? Cê tá pescando com tarrafa. Isso aqui é proibido no Araguaia, sô.

Tonzão voltou, passo de quem tá indo pro paredão. Pôs a sacola no chão.

? Seu policial, foi só seis piauzinho ? mostrou. ? Lá em casa nem mistura tem pra temperar isso aqui. Foi só pra enganar a fome.

O fiscal olhou pros peixe, olhou pro Preto ainda ajoelhado, olhou pro Tonzão tentando segurar o riso.

Suspirou. Pegou a tarrafa.

? A rede fica. E pra vocês não voltar de mão abanando e fazer besteira de novo, toma.

Tirou três pintado médio do barco deles e jogou na sacola dos menino.

? Agora some. E o senhor aí ? apontou pro Preto ?, da próxima vez fala "me rendo", não "merendo". Senão a gente te prende por passar fome em serviço.

Preto levantou catando folha seca da calça.

? Foi o susto, seu moço...

Na estrada de volta, empurrando a bicicleta, os dois não aguentaram.

? Merendo! ? Tonzão começou.

? Cala a boca, Tonzão! ? Preto tentou ficar bravo, mas riu junto. ? Cê me deixou sozinho, corno!

? Sozinho não, uai. Cê tava bem acompanhado do Ibama! Kkkkkkk!

? E cê? Forte pra quê? Pra correr e me deixar?

? Uai, forte pra rir da tua cara! "Eu merendo"! Kkkkkkk!

Riram a volta inteira. Chegaram em Aruanã de dia claro, com três pintado na sacola e uma história pra vida toda.

Zé da Ponte escutou o caso na varanda.

? Então quer dizer que o Preto merenda e o Tonzão é o garçom?

Mais risada. Até os pintado, se tivesse ouvido, tinha rido.

Moral da beira do rio:

Peixe pequeno dá trabalho grande.

Correr sem saber, vira piada.

E tarrafa em mão errada termina sem tarrafa, mas com história boa pra contar na farofa.

Mitologia: Deus do Vinho

Mitologia: Deus do Vinho

Não é Baco que eu canto,
nem Dionísio de taça na mão,
é outro Deus que me encanto ?
O que transforma água em salvação.
Em Caná, sem alarde ou cena,
Viu faltar alegria no altar.
Seis talhas de pedra, pequenas,
Ele mandou os servos encher até transbordar.
Não era vinho de esquecer a dor,
nem pra embriagar a razão,
era vinho de resgatar amor,
de devolver festa ao coração.
O mundo serve o pior primeiro,
te dá o doce e esconde o fel.
Mas o meu Deus é o último e o certo:
guarda o melhor vinho pro fim do papel.
Ele não precisa de uva, nem de lagar,
nem de tempo pra fermentar.
Onde Ele pisa, o seco faz brotar,
onde Ele manda, a falta vira manjar.
Me chamam de louco, de embriagado,
mas é do Espírito que eu estou cheio.
É vinho novo em odre restaurado,
é gozo que não cabe no peito, é meio.
Então me serve, Senhor, desse Vinho,
que não dá ressaca nem ilusão.
Que limpa a mágoa, endireita o caminho,
e faz da minha vida celebração.
Porque o Deus que eu sigo
não vende barato alegria.
Ele mesmo é o Vinho antigo,
derramado em cruz pra ser minha poesia.

Ninguém tem a bunda que quer sentado na bunda que tem

Ninguém tem a bunda que quer sentado na bunda que tem

Se queres forma bonita,
não fica aí, tão quieta,
no sofá de toda tarde.
Levanta e vai que arde,
pois corpo não se ajeita
sem luta que o respeita.
O glúteo que tu sonhas
não nasce em mil caronas,
nem vem por sorte ou vento.
Exige movimento,
agacha, sua e enfrenta
a dor que te aumenta.
Espelho não perdoa
quem vive à toa, à toa,
sonhando com firmeza.
Sem peso, sem proeza,
a curva não se forma
sentada em velha norma.
Acorda desse sono,
descola desse trono
de mola e de preguiça.
A meta é que se atija
no treino que castiga
e a meta se aproxima.
Ninguém ganha o que almeja
se o corpo só deseja
ficar no mesmo canto.
É passo, é suor, é pranto
que esculpe, verso a verso,
a bunda do universo.

Poema: Gênese do conhecimento

Poema: Gênese do conhecimento

As inúmeras próteses do conhecimento,
Ajustam às práxis dos códigos da cultura
Permeiam as estrias de cada paradigma,
Internacionalizando cada menção.

Da exteriorização à objetividade,
Parindo instituição do devir
Para desenvolver a interiorização;
O fenômeno constitutivo dessa relação.

Só possível os teoréticos indutos
Das construções de saberes de interlocutores,
As apreensões dos saberes coadunam
Parcelas do conhecimento do apresentado.

Os profligares existenciais do objeto
São atravessados pela coluna de fumaça
Dando-a impressão de mundo
Para gerir conhecimento seguro.

At.te.: GINO, Sinvaldo. 30 de abril de 2026

Miniconto: Ações de afogadilha

Ações de afogadilha

Ele era fogo de palha e pavio curto.
Falava primeiro, pensava depois.
Quebrou amizade, perdeu contrato,
achou que o mundo devia ser veloz.

Um dia a pressa cobrou com juro.
Ficou sem voz, sem chão, sem saída.
Era afogadilha: sem culpa de outros.
Só ele, a água e a porta sumida.

No fundo do poço, achou um silêncio.
Pela primeira vez ouviu o próprio peito.
Contou os erros igual conta os dedos
e viu que dez segundos mudam tudo feito.

Voltou devagar, pedido na mão.
Reconstruiu ponte com palavra mansa.
Aprendeu que coragem sem direção
é só barulho que não descansa.

Hoje ele respira antes da frase.
Pensa a jogada antes do passo.
Descobriu que a vida não é corrida
e que freio também é abraço.

Não desfez todo o estrago antigo,
mas plantou cuidado no lugar da pressa.
A água baixou. A porta abriu.
E ele saiu sem precisar de promessa.

Moral que ficou:

Quem quase se afoga aprende a nadar.

E quem aprende a nadar

ensina o mar a respeitar.

Poema: Sagrado e Profano

Sagrado e Profano

Escreveram na pedra e no pergaminho
que o homem nasceu perto do altar.
Primeiro barro, primeiro caminho,
primeiro nome que Deus quis chamar.

Deram a ele o púlpito, a lei, o cajado,
o direito da voz que ordena e conduz.
Disseram: "Ele é o templo consagrado,
imagem direta, reflexo da luz."

À mulher coube o lado de fora,
a porta da queda, o gesto maldito.
Chamaram de profano quem chora,
de impura a carne que gerou o rito.

Assim a história partiu a criação:
um com a chave do céu na mão,
outra com a culpa da expulsão,
carregando Eva em cada geração.

Ele ora no alto, ela cala embaixo.
Ele dita o santo, ela esconde o pecado.
E o mundo aprendeu, de baixo em baixo,
que o sagrado era macho e o profano, dobrado.

Foi tese de trono, foi letra de sábio,
foi cerca erguida entre corpo e reza.
Mas o barro lembra, mesmo em silêncio,
que dividir o divino é a maior profaneza.

Mitologia: O inferno: A Pedra no Tempo

Mitologia: A Pedra no Tempo

A pedra sobe a montanha fria,
Nos ombros de quem não descansa,
O suor desenha a teimosia,
E o céu assiste sem esperança.
Mas Sísifo ri da própria via,
Pois na descida encontra a dança.

O sol castiga, o vento zomba,
A gravidade puxa o destino,
Cada passo é luta que retomba,
No peito cansado de menino.
Porém a alma não se assombra:
Recomeçar é o seu hino.

Lá do alto, o deus vigia,
Crendo que o castigo é prisão,
Mas o mortal fez da agonia
Uma espécie de oração.
Se a pedra volta todo dia,
Volta também a obstinação.

Não há vitória na sentença,
Nem derrota no recomeço,
Só a vida que não dispensa
O peso que eu mesmo arremesso.
Faço do fardo minha crença:
Carrego, logo, permaneço.

E quando a noite enfim desaba,
Sobre o cansaço do rochedo,
A pedra dorme, o corpo acaba,

Mas o sonho ignora o medo.
Porque amanhã a luz se trava,
E eu volto ao monte, sem segredo.

Mitologia: Decreto de Zeus: O Castigo de Sísifo

Mitologia: Decreto de Zeus: O Castigo de Sísifo

Na curva do monte, a pedra geme,
Nos braços de Sísifo, o peso não treme.
Sobe o rei, condenado, em peleja,
A rocha escorrega, mas ele não deixa:
Punho cerrado, destino que teima,
E o alto do morro, que nunca se achega.

Zeus decretou: "Trabalha sem glória,
Empurra teu fardo, apaga a memória!"
Mas Sísifo ri, com lábio em ruína,
Pois fez do castigo a própria rotina.
Se a pedra desce, a alma se inclina,
E volta a subir, sem temer a neblina.

O suor lhe batiza a testa cansada,
O sol lhe golpeia a carne marcada.
A cada tropeço, renasce a jornada:
Degrau após degrau, a dor é calada.
Porque o inferno, na mente forjada,
Vira caminho ? e não encruzilhada.

Não há perdão na sentença do Olimpo,
Nem pausa no giro do tempo que rima.
Mas há um segundo, no topo, tão ínfimo,
Em que o homem é mais que o próprio enigma.
Ele olha o abismo, respira o seu íntimo,
E sabe: a derrota é só voz que se estima.

Rola a pedra, despenca o seu mundo;
Sísifo desce, sereno, profundo.
Não chora o castigo, não teme o segundo,

Pois fez do absurdo o seu chão fecundo.
E se o eterno é um círculo imundo,
Ele caminha ? inteiro, jocundo.

Epopeia: A Maldição de Camões

Epopeia: A Maldição de Camões

Fui eu que cantei o mar quando era vento,
E o mar me respondeu com naufrágio.
Dei à pátria um épico de sangue e sal,
E a pátria me deu um olho a menos e um hospital.

Chamam de maldição, eu chamo de ofício:
Ver demais custa a vista,
Amar demais custa o peito,
Escrever demais custa o resto.

Perdi a Lu em Lisboa,
Perdi a China no Oriente,
Perdi a rima em Moçambique,
Só não perdi a língua ?
Essa ficou presa nos dentes,
Roendo soneto até virar osso.

Voltei do Índico com um livro na mão
E a outra mão estendida.
Os reis me leram, os pobres me ouviram,
E os dois me deixaram sem ceia.

Dizem que morri de peste,
Mas foi de Portugal que eu morri:
De escrever grande em terra pequena,
De ter nação na cabeça
E não ter teto na velhice.

Se é maldição, que seja:
Que todo poeta herde de mim
A glória de não caber no seu tempo,

E o azar de caber num verso
Que só o futuro entende.

Enterraram-me sem nome,
Desenterraram-me com estátua.
Assim é a paga de quem canta:
Primeiro a fome,
Depois o mármore.

Maldição não é morrer pobre.
É viver lúcido.

Mitologia: A Culpa de Hércules

Mitologia: A Culpa de Hércules

Na noite escura de Tebas
Juno tramou vingança,
Pôs loucura no vinho
Do herói de toda fama.
Ele voltou da guerra,
Cego de tanta chama.
Viu Megara na porta,
Três filhos no seu colo.
Mas a deusa mentiu baixo:
"São crias do rei mau.
Vieram matar-te agora."
E o arco pegou fogo.
Hércules viu inimigos
Nos olhos dos meninos.
Disparou contra o berço
A flecha que não volta.
O sangue que era dele
Manchou a sua porta.
O véu caiu dos olhos,
A febre foi embora.
Viu no chão três anjos
E a esposa já sem voz.
Gritou para os deuses,
Mas o céu ficou mudo.
Desde então carrega
Doze fardos na alma.
Venceu a hidra e o leão,
Mas não vence a lembrança.
Pois a trama de Juno
Foi sua maior lança.

Mitologia: A Disputa das Três Deusas

Mitologia: A Disputa das Três Deusas

No Olimpo a maçã de ouro rolou,
Com a frase "À mais bela" que Éris deixou.
Hera ergueu o cetro, voz de rainha:
"Te faço rei de tudo que a terra caminha,
Pois que vale a beleza sem trono e sem linha?"
Atena chegou com a lança e a razão,
Olhos de coruja, fala de trovão:
"Reino é pó. Eu te entrego a vitória,
Nome em livro, ciência que vira história.
Escolhe o poder que não morre na glória."
Afrodite riu descalça de mar,
E o mundo calou pra ver ela passar:
"Não te dou cetro, nem guerra, nem calma,
Te dou Helena, fogo pra tua alma.
Páris escolheu. E Tróia virou chama."

Mitologia: preço de um Berço vazio

Mitologia: preço de um Berço vazio

Não foi por fama que ele foi,
Nem por coroa de louro.
Foi pelo choro sem volta
De três berços no chão duro.
A flecha que saiu dele
Virou sentença e muro.
Juno armou a cilada,
Pôs veneno no seu vinho.
Ele viu monstro na casa
Onde havia só carinho.
Matou os filhos sem culpa
Pensando matar espinho.
Acordou com as mãos vazias,
Mas a alma pesava chumbo.
Foi a Delfos de joelhos,
Pedi ao deus um rumo.
A Pítia disse em brasa:
"Serve ao rei, paga o teu sumo."
Doze lidas Ihe entregaram,
Doze guerras sem perdão.
Cada fera que caía
Era um pranto no seu chão.
Não buscava ser herói,
Buscava ser só irmão.
Lavou no sangue dos monstros
O sangue que era seu.
Pois só a dor do trabalho
Calava o grito que deu.
Hércules virou escravo
Pra ver se o pai Deus desceu.

O Beijo Amigo Que Te Mata

O Beijo Amigo Que Te Mata

Tem um amigo de bolso
Que te beija todo dia.
Você põe na boca, chama o fogo,
Diz que alivia.
Promete calma na fumaça,
Mas te cobra em covardia.
Ele não grita, não bate,
Só te abraça pelo pulmão.
Cada trago é um trato
Assinado sem perdão.
Diz "sou teu companheiro"
Enquanto fecha a respiração.
No começo é só um beijo
Pra espantar a solidão.
Depois vira namoro
Que não larga tua mão.
Quando vê já tá casado
Com a própria destruição.
Não tem faca nem veneno
Que mate tão devagar.
Esse amigo te consome
Sem nunca te avisar.
Te dá prazer de segundos
Pra te roubar o ar.
E o pior dessa traição
É que a escolha foi tua.
Abriu a porta pro beijo
Que te queima e continua.
Hoje o amigo tá na boca,
Amanhã tá na urna crua.
Esse beijo não é amor.
É contrato com a cova.

E amigo que te mata
Nem pra velório se aprova.

Ósculo da traição

Ósculo da traição

Não vem de inimigo a lâmina,
Nem de estranho a cilada.
Vem de quem viu partir o pão
Na tua mesma mesa farta.
Sorri, te chama de irmão,
E crava a faca disfarçada.
Ele bate na tua porta
Com abraço e voz macia.
Fala baixo: "tô contigo"
Enquanto vende tua guia.
O veneno tem gosto doce
Quando a mão é conhecida.
Não dói o corte da briga,
Dói o riso antes da queda.
Traidor não usa máscara,
Usa teu próprio segredo.
Te beija no rosto em público
Pra te enterrar sem medo.
Aprendi que todo Judas
Tem nome de melhor amigo.
Que o abraço mais apertado
Às vezes esconde o perigo.
E que a morte mais dóida
Vem com selo de abrigo.
Então vigia o copo cheio
Que a mão aliada levanta.
Porque tem beijo que salva,
Mas tem beijo que garganta.
E o amigo que te mata
Nunca avisa: ele encanta.

Mitologia: Os Bastardos de Zeus

Mitologia: Os Bastardos de Zeus

Zeus não sabia ser fiel no Olimpo,
Descia do céu com sede de mundo.
Trocava a águia pelo disfarce,
E no colo das mortais era profundo.
De **Alcmena** veio o mais forte:
Hércules, o de doze dores.
Meio deus, meio homem, inteiro culpa,
Matou leão, matou hidra, matou amores.
Carregou o céu nas costas,
Mas não aguentou o peso da própria história.
De **Danae**, presa em torre de bronze,
Chuva de ouro foi seu cortejo.
Nasceu **Perseu**, o que corta a noite,
Decapitou Medusa com olhos no espelho.
Salvou Andrômeda do monstro,
Mas não salvou a mãe do destino grego.
De **Europa**, raptada em forma de touro,
Veio **Minos**, rei de Creta e labirinto.
Julgava mortos no submundo,
Filho do deus, carrasco e distinto.
O sangue divino virou lei,
E lei virou prisão pra gente inocente.
De **Leda**, visitada como cisne,
Nasceram gêmeos e guerra:
Helena, rosto que lançou mil navios,
E **Pólux**, que dividiu com Castor a estrela.
Beleza que incendiou Tróia,
Irmandade que enganou a morte.
De **Sêmele**, que pediu pra ver o deus,
E virou cinza diante do raio inteiro,
Nasceu **Dionísio**, duas vezes parido,
Da mãe morta e da coxa do deus verdadeiro.

Deus do vinho, do teatro, do delírio,
Filho da mortal que ousou amar o fogo.
Todos filhos do trovão,
Nenhum filho do matrimônio.
Hera odiava cada berço,
Cada choro era testemunho.
Zeus dava poder, dava nome,
Mas nunca dava colo.
Meio deuses, inteiros tragédias.
Heróis porque o pai era ausência.
Matavam monstros que o Olimpo criava,
Pagavam promessas que o deus não lembrava.
Porque ser filho de Zeus com humana
É nascer já devendo uma guerra.
É ter o céu no sangue,
E o inferno na terra.

Mitologia: Hipólita

Mitologia: Hipólita

Não nascem para o tear,
Nascem para o arco e o mar.
No peito, um corte de dor,
Pra flecha voar melhor.

Não é perda, é um trato,
É pacto, é puro ato.
No rio que é como flecha,
Temiscira não se queixa.

Filhas de Ares, de luz,
Não querem a paz da cruz.
Conhecem a guerra e o vento,
A caça em todo momento.

Hipólita, a rainha,
Tinha o cinto que caminha.
Dom de Ares, pura guerra,
Que Hércules rouba da terra.

Pentesileia chorou,
Por Heitor que se tombou.
Aquiles a viu cair,
E então começou a amar.

Mulher não é de gaiola,
Não serve só pra esmola.
Geração que não se dobra,
De homem não pede sobra.

Uma vez ao ano vão,

Gerar filhas, não prisão.
Guardam menina em seu lar,
Menino vão devolver.

Chamaram de feiticeiras,
Por usarem armas certeiras.
Mas bárbaro é quem não crê,
Que força é da mulher.

Que a luta também consola,
Que a fêmea não pede esmola.
Onde estão nesse agora?
No teu "não" que já aflora.

Na tua mão que ergue o chão,
No teu passo de trovão.
Sem bênção pra caminhar,
Sem licença pra lutar.

Amazonas não morreram,
Só o cavalo perderam.
Trocaram arco por palavra,
Rio imenso por estrada.

Ainda queimam o peito,
Não pra atirar direito,
Mas pra caber mais amor,
Neste mundo que é de dor.

Mitologia: As Duas Rainhas do deus Ares

Mitologia: As Duas Rainhas do deus Ares

Duas filhas do deus guerra, **A**

Duas flores da mesma terra. **B**

Hipólita, o cinto de ouro, **A**

Pentesileia, o voo do touro. **B**

Uma rainha em Temiscira, **A**

Onde homem não conspira. **B**

Outra corre pra Tróia em chamas, **A**

Pra lavar a dor que inflama. **B**

Hipólita viu o herói, **A**

Quis dar o cinto, pois foi. **B**

Hera mente, o grego engana, **A**

Morre a rainha soberana. **B**

Pentesileia chorou, **A**

Por matar quem tanto amou. **B**

Buscou morte em campo aberto, **A**

Contra Aquiles, deus incerto. **B**

Uma tomba pelo trato, **A**

Outra tomba no ato. **B**

Uma é vítima da intriga, **A**

Outra é da própria briga. **B**

Hércules leva o cinturão, **A**

De Hipólita, sem perdão. **B**

Aquiles tira o elmo dela, **A**

E ama Pentesileia bela. **B**

Irmãs que a Grécia cantou, **A**

Cada qual como lutou. **B**

Uma morreu por confiar, **A**

Outra morreu pra se achar. **B**

Não viveram pra tear, **A**

Mas pra história marcar. **B**

Amazonas não se rendem, **A**

Mesmo mortas, elas vendem. **B**
Onde há mulher que não cala, **A**
Que enfrenta e que abala, **B**
Tem Hipólita no porte, **A**
Pentesileia no norte. **B**